

2015

PIPOCAS PEDAGÓGICAS III

Narrativas Outras da Escola



Organizado por:

Cristina Maria Campos

Guilherme do Val Toledo Prado

2015

PIPOCAS PEDAGÓGICAS III

Narrativas Outras da Escola

Organizado por:

Cristina Maria Campos

Guilherme do Val Toledo Prado



Copyright © dos autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos dos autores.

Cristina Maria Campos; Guilherme do Val Toledo Prado [Orgs.]

Pipocas pedagógicas III: narrativas outras da escola. São Carlos: Pedro & João Editores, 2015. 119p.

ISBN. 978-85-7993-268-7

1. Pipocas pedagógicas. 2. trabalho docente. 3. Linguagem e ensino.
4. Autores. I. Título.

CDD - 370

Capa: Hélio Márcio Pajeú

Editores: Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

Conselho Científico da Pedro & João Editores:

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/Brasil); Nair F. Gurgel do Amaral (UNIR/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Rogério Drago (UFES/Brasil).



Pedro & João Editores

www.pedroejoaoeditores.com.br

13568-878 - São Carlos - SP

2015

Sumário

Apresentação	9
<i>Cristina Campos e Guilherme do Val Toledo Prado</i>	
Prefácio – Polifonia das pipocas	11
<i>Gloria Pereira da Cunha</i>	
Pipocas Pedagógicas	
<i>Adriana Stella Pierini</i>	14
Pra não dizer que não falei dos miúdos muito miúdos	
<i>Aline Gomes da Silva</i>	17
Vendendo coelho por lebre	
<i>Antonio Marcelo Campos</i>	19
Ignorância	
<i>Beatriz Vito Vieira</i>	21
Já sei escrever seu nome!	
<i>Cláudia Reis dos Santos</i>	22
Comunicação discente – uma linguagem a ser conquistada	
<i>Cristina Maria Campos</i>	27
Ratei!	

<i>Daniel de Oliveira</i>	30
Professor, como faço essa letra?	
<i>Dejanira Fontebasso Marquesim</i>	32
Café com Diálogos	
<i>Dulce Cornetet dos Santos Pomilio</i>	35
Construindo a convivência em “nenezês”	
<i>Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz</i>	38
Ler e ser. Ou seria, ser e ler?	
<i>Hélica Silva Carmo Gomes</i>	39
O garoto tímido	
<i>Heloísa Helena Dias Martins Proença</i>	42
Difícil? Será?	
<i>Hilda Armstrong</i>	45
Augusto, uma pipoca saltitante, curiosa e instigante	
<i>Igor Helal Anderson</i>	49
Por que o cupim come madeira?	
<i>Irinéia Monteiro da Silva</i>	51
Quando descobri o som das bolhas	
<i>Jacqueline de Fatima dos Santos Moraes</i>	53
Quando a gente não sabe o que dizer	
<i>José Antônio de Oliveira</i>	57
A última vez ou recomeçar sempre?	

<i>Juliana Terra</i>	61
A outra ciência que não é da Tia Louca...	
<i>Karyne Alves Baroldi</i>	64
Pipocando histórias...	
<i>Laudicéia Tatagiba</i>	67
Crianças são mesmo fantásticas!	
<i>Luciane Martins Salado</i>	69
O mistério das luzes e sombras...	
<i>Lucianna Magri Melo Munhoz</i>	71
Pipoca Triste!	
<i>Líliam Ricarte de Oliveira</i>	73
Então me abraça forte... – e o poder da música	
<i>Marciene Aparecida Santos Reis</i>	75
Rascunho	
<i>Maria Ângela de Melo Pinheiro</i>	77
Mandalas Juninas	
<i>Maria Teresa Cruz de Moraes</i>	79
Abraçando as diferenças	
<i>Michelle Guidi Gargantini Presta</i>	82
Miojo ou Pamonha?	
<i>Pamela Aparecida Cassão</i>	85
Proibida para maiores!	

<i>Patricia Sanches Bodine</i>	87
Primeiro dia de aula de João	
<i>Patrick Peereira e Caroline Pardim Pellizari</i>	89
Diversas ciências... mundo(s) diverso(s)?	
<i>Paulo Cesar de Campos</i>	91
Cor de pele?	
<i>Rafael de Souza</i>	93
Macumba é coisa do demônio, tio!	
<i>Rosaura Angélica Soligo</i>	98
Todo professor mora em uma pessoa, todo aluno mora também	
<i>Roseane Daminelli Gomes</i>	101
“A gente já sabia, quem não sabia era você!”	
<i>Ruttyê Abreu</i>	103
O Relógio do Ben 10	
<i>Tiago Ribeiro</i>	107
Não tá conseguindo ler, tio?? É sério???	
<i>Vanessa França Simas</i>	111
撒潑誰不洗他的腳	
<i>Wilson Queiroz</i>	113
Cordel: Alfabetização Diaspórica	
Pós-fácio – Demora, mas a ficha cai	117
<i>Adriana Carvalho Koyama</i>	

Apresentação

Chegamos ao terceiro livro das Pipocas Pedagógicas, uns escritinhos que em 2008, começaram a teimar em sair da cabeça de alguns professores e correr para o papel. Esses escritinhos receberam o nome de Pipocas porque eram curtos e Pedagógicas porque falavam sobre escola e seus embates, descobertas e outras coisas presentes no cotidiano da escolar; muitos sem um final fechado ou certo, o que deixava o leitor com um gostinho bom na boca, e a cabeça cheia de dúvida sobre esse escritinho, a escola e outras ideias, então o jeito era pipocar sobre tudo isso, sempre um bom debate.

As Pipocas não estouravam só no grupo ou na lista do grupo, algumas pessoas gostavam tanto de ler aqueles escritinhos que começaram a levar o carrinho de pipocas para todos os lugares onde apareciam e de repente tinha pipoca estourando no Brasil todo.

E esse estouro de pipocas no Brasil todo, veio estourar no livro Pipocas Pedagógicas III, tem Pipoca Carioca, de Franco da Rocha, de Rio Claro, tem até um escritos outros que não são pipocas, são relatos de professores que tem um bom diálogo com as pipocas, são narrativas de uma outra escola; o que queremos mesmo é contar, falar, encantar a aula, a escola e vida de todos que estão dentro da escola.

São milhos e milhos, tem até milhos transgênicos que, diferente do verdadeiro, resultaram em boas pipocas. No Grupo de Terça existe muito debate sobre pipocas, mas o consenso do grupo é que ela pode ser doce, salgada, da

vovozinha, algumas tem direito a serem piruás, porque o que importa é que a fala não oficial do profissional apareça e mostre que a escola vai além do documentado, do oficial, que os profissionais, crianças e adolescentes que existem dentro dela tem voz própria.

São transgressões de pessoas que resistem e fazem da escola um outro lugar, com possibilidades mil de aprendizagens. Aprende-se com fantasia, com músicas, cordel, com os pares, nos momentos ímpares, nas parcerias de experiências incertas.

As Pipocas nos mostram que é preciso arriscar e apostar em aguçar os sentidos, a ser um pouco como o Lobo Mau da Chapeuzinho Vermelho, ter a boca grande para responder todas as questões que nos chegam ou deixar claro que não sabemos tudo como na pipoca, Ignorância; orelhas enormes para ouvir o silêncio que muitas vezes nos chegam; olhos tão grandes para enxergar a pessoa dentro do aluno; mãos grandes para abraçar toda vez que a gente balançar e o olfato para respirar e captar os acontecimentos que pipocam em aula o tempo todo.

É contar sobre como se escreve o nome, sobre o H da letra cursiva, a dinâmica do Word Café, sobre o Globo na Educação Infantil, enfim dezenas de pequenos acontecimentos que com certeza pipocarão também na sua cabeça a cada pipoca lida.

Forte Abraço,

Cristina e Guilherme.

Polifonia das Pipocas

Gloria Pereira da Cunha**

Tocou o sinal? Momento esperado. Recreio, hora da pipoca!

- E então menina, que queres? a de saquinho ou feita na hora? doce ou salgada? molho de pimenta? manteiga?

Quantas decisões cabiam naquele pequeno saquinho!

Estas narrativas de professores que apresentamos aqui distribuem saberes, como o pipoqueiro da escola distribuía sabores.

O mundo da escola, todo território criado para aprendizados, é de muitos. Uma arena, espaço aberto, mesmo quando circundado por muros, onde circulam seres de diferentes origens, idades, gêneros, funções, escolhas pessoais e profissões, inclusive o pipoqueiro, ao menos na minha escola. É um mundo pelo qual todos nós passamos, ou deveríamos ter passado, em algum momento de nossas vidas.

São muitas as vozes que ecoam em cada mundo-escola. As oficiais são gritadas e se fazem ouvir nos planos, currículos, diários, relatórios, pesquisas sobre educação e estatísticas nas quais professor e aluno são números que deram certo ou errado, segundo a avaliação escolhida. Onde ecoa a polifonia da educação, as vozes ausentes da escola oficial?

Os estudos do cotidiano e a pesquisa da própria prática, realizada por vários tipos de profissionais da

* Revisão de Ruth Joffily

educação, deram volume a estas outras vozes, produzindo um coral no qual se pode ouvir o todo da voz da escola, mesmo soando um tanto empostadas pelo estilo acadêmico. Mas o todo é menor do que a soma das partes, ele é apenas a hegemonia de uma das partes elevada à categoria de todo.

Para ouvir a soma das partes precisamos dos contrapontos de suas várias vozes para além do oficial e do acadêmico. A soma das partes é um número infinito, sempre crescente, alimentado pelos pequenos e grandes conhecimentos gerados na relação professor-aluno no dia a dia, fruto das pequenas e singulares experiências que acabam relatadas, no máximo, a algum colega ou a um familiar no final do dia. Foi para expandir a mais gente esses relatos, para aumentar essa soma, que criamos as Pipocas Pedagógicas.

Neste terceiro volume encontramos professores que se descobrem analfabetos das escritas de seus alunos, como Greici, Tiago, Vanessa e os caracteres chineses, ou Aline com as orelhas das lebres de Libras. Encontramos também estratégias para gerar pesquisa e conhecimento, como o Caderno de dúvidas, e relatos de pedagogias de aprendizes, dos que ensinam que afinal um h é só um y de ponta cabeça...

Também neste terceiro volume encontramos algo muito especial, único, e que está alojado nas duas últimas páginas: a sua Pipoca! Talvez ainda esteja em branco, mas acredito que logo estará fazendo parte desta soma de partes da educação.*

* Mestre em Educação pela Faculdade de Educação da UNICAMP, membro do GEPEC- Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada.

Como escrever uma Pipoca? Os acontecimentos da sala de aula geram inúmeros diálogos e atos, desnudando processos de aprendizagem, mas alguns parecem mais especiais, e ficamos com vontade de partilhar o acontecido. Contar é escolher, recortar, traduzir o vivido em palavras, e o ato de contar escrevendo já traz em si uma reflexão.

Partilhar para quê? Para tornar a ensinar, claro! Afinal somos professores, e as narrativas ensinam o que escapa do estudo de técnicas, de previsibilidades, de métodos.

Uma sala de aula tem de tudo, saberes ensacados em livros ou apostilas e outros produzidos na hora, ambos temperados no cotidiano com o vinagre, o açúcar, o sal, a pimenta e a manteiga das relações de todos que conjugam o verbo aprendensinar.

Aproveite o recreio, hora da Pipoca!

Pra não dizer que não falei dos miúdos muito miúdos

Um grupo de crianças de dois a três anos ocupava o espaço do *solarium* em frente ao CEMEL.

Intrigavam-me (e ainda me intrigam) as questões essencialmente curriculares quanto ao trabalho com meninos e meninas desta faixa etária... Lembro-me que, logo que migrei para a educação infantil, me sentia absolutamente inútil (mais ainda do que comumente...) quando, nas primeiras reuniões, as equipes de profissionais se reuniam para organizar e planejar o período de adaptação, pensar estratégias considerando o choro do início do ano, horários de refeição, higiene e sono, ou mesmo durante as discussões sobre quando e como tirar as fraldas, de quem, e por aí vai...

Que currículo é esse? Qual o trabalho a ser por nós desenvolvido para que se efetive a aprendizagem destas crianças? O que aprendem elas? Como aprendem elas?

Estas e muitas outras questões me acompanhavam naquela ocasião, ainda que já tivéssemos avançado um tanto em estudos sobre o desenvolvimento infantil, sobre as diferentes linguagens, sobre a importância do brincar no desenvolvimento integral da criança, e, mais especificamente, quanto à importância dos chamados jogos simbólicos ou jogos de faz-de-conta.

* Professora no ensino superior. Atuação na formação de profissionais da educação. Mestre em Educação pela UNICAMP. Doutora em Educação pela UNICAMP. adstpier@gmail.com

Pois bem, era uma manhã ensolarada, provavelmente em novembro de 2009, quando eu, ainda às voltas com as minhas descobertas sobre as crianças pequenas muito pequenas, resolvi, como faço às vezes, meter-me em meio delas, assim, sem grandes pretensões.

As educadoras disponibilizaram no espaço do *solarium* uma grande quantidade de sucata, especificamente frascos de xampu e similares, com os quais as crianças interagiam.

Fui a um canto onde se concentravam algumas crianças e vi Felipe com um destes frascos ‘jogando xampu sobre sua cabeça’.

“-O que você tá fazendo, Felipe?”

“-Tô *lavanu a cabeça!*”

“-Ah!!!! Que legal!” - E já fui me sentando no chão, enquanto minha boca grande, antecipando as funções do raciocínio, disparou uma pergunta inconsequente:

“-E quem quer lavar o meu cabelo????”

(...)

Em segundos, alguns pares de mãozinhas, tão pequenas quanto descuidadas, ‘lavavam o cabelo’ da “tia”...

Enquanto eu vivenciava ‘na pele’ (ou melhor, no couro cabeludo) a constatação de que, ao manipular aqueles objetos as crianças garantiam a representação que fazem do mundo, aproximou-se Matheus que, estendendo-me um frasco disse, em tom grave:

“-Tó, tia! *Potetoi solai!*”

E eu, animada e orgulhosa por compreender o que ele dizia:

“-Hum! E pra que serve o protetor solar?”

“- *Pa-í-pa-paia, ué!*”

E eu, mais animada ainda:

“- Ah! E o que a gente faz na praia?”

E Matheus, absolutamente sabido, disparou:

“-A zente vai suifá!”

E eu, quase delirando:

“- É mesmo, a gente surfa assim, né?”

E enquanto eu fazia lá minha *performance* diante do grupo sobre uma prancha de papelão, Matheus, inconformado, retrucou:

“-Não, tia! É di baíga!”

“- Ah, claro...”

Corrigindo imediatamente o estilo do surf, enquanto me esborrachava na prancha, de bruços, eu compreendia completamente o que a prof^a Silvia Rocha* nos apresentara em reunião de formação sobre a importância de atuarmos na zona de desenvolvimento proximal das crianças durante os jogos simbólicos para que avancem desde ações simbólicas simples até as chamadas temáticas, mais elaboradas, contextualizadas...

Foi exatamente naquele momento que João Victor, que até então permanecia quieto, atento, observando tudo, completou o cenário praiano, estendendo-me outro frasco e dizendo:

“-Tó, tia!”

“- Que lindo, obrigada, João! O que é isso?”

“- *Cezeza!*”

* Prof^a Dr^a Maria Silvia Pinto de Moura Librandi da Rocha é docente do Programa de Pós-Graduação em Educação da Pontifícia Universidade Católica de Campinas – SP.

Vendendo coelho por lebre

Trabalho em uma escola especializada em educação de surdos e, ao contrário do que muitos pensam, não somos habitados pelo silêncio. A sala de aula é um misto de linguagens corporais, manuais, faciais, sonoras, visuais, afetivas, inventivas... A nossa principal forma de comunicação, interação e de aprendizagem se dá por meio da Língua Brasileira de Sinais (LIBRAS), uma língua viso-espacial que possui estruturas gramaticais próprias como qualquer outra língua.

Certa vez, estava contando um clássico da Literatura Infantil para as crianças surdas com as quais eu vinha compartilhando o trabalho pedagógico e deparei-me fragilizada pelo desconhecimento do sinal da palavra Lebre (um dos personagens da referida história). Diante disso, optei por utilizar o sinal de coelho seguido da datilologia L E B R E. Então, um aluno que tinha os seus 7 anos e era conhecedor da história se levantou, foi ao meu encontro e disse: *VOCÊ NÃO SABE, COITADA!* E em um gesto mínimo e generoso ensinou a mim e aos demais colegas o sinal correto de lebre, que era o mesmo sinal de coelho seguido do classificador de orelhas grandes, reafirmando para nós (professora e alunos/as) que havia

*Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Professora das Séries Iniciais do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad). E-mail: aline.unirio@gmail.com

diferenças importantes entre os dois animais e que a língua de sinais sabia expressar essa diferença conceitual.

Este pequeno acontecimento reafirma para nós, que vivemos ou transitamos pela educação de surdos, que ainda caímos na armadilha das formas hegemônicas de pensar e produzir conhecimento, muitas vezes colonizando o saber do outro, invisibilizando suas singularidades linguísticas e culturais, sem nos dar conta de como impomos a nossa própria lógica de pensar e ensinar.

Sorte a nossa que as crianças surdas, como muitas outras crianças, não são con(vencidas) pelo nosso discurso; criam estratégias e aprendem desde cedo a apostar na *Zona de Desenvolvimento Proximal* (VYGOTSKY, 1994), de modo que aquilo que os seus professores ainda não sabem realizar sozinhos aprendem com ajuda, para que saibam fazer melhor amanhã. Eu sigo feliz, estudando e me permitindo cotidianamente aprender mais com os/as alunos/as.

Ignorância

Findada a aula expositiva que tinha como tema “Conhece-te a ti mesmo – Sócrates e nossa relação com o mundo”, deixei que a classe se aprofundasse no assunto através de alguns exercícios de reflexão. Foi quando Fernanda, que pareceu estar muito interessada, perguntou:

- Professor, o senhor sabe tudo?

- Tudo o que, Fernanda?

- Tudo, ué, tudo sobre todas as coisas.

- De forma alguma! – respondi admirado.

- É que eu sempre gostei de pensar que os professores sabem tudo. – disse-me ela um pouco decepcionada.

- Não, Fê, a gente ignora muita coisa. Muita coisa mesmo! Fora aquilo que, mesmo conhecendo, não entendemos.

Fiquei olhado para a decepção daquela menina que ainda era capaz de ver a escola de forma romântica e apaixonada. Sem querer remediar sua decepção, disse:

- Aristóteles dizia que somos seres incompletos e justamente por sermos assim, nos movemos, nos aperfeiçoamos, buscamos mais e mais o melhor.

- Nossa, que legal! – me respondeu animada.

* Professor de Filosofia da Rede Estadual de Ensino. Membro do GRUBAKH. (Grupo Bakhtiniano do Gepec. Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada). Email: marceloyang5@gmail.com

- Não é? Acho maravilhoso a gente poder ainda se espantar com as coisas, querer compreendê-las. Os filósofos dizem que quando perdemos a capacidade de nos espantar é porque já estamos mortos intelectualmente.

Pensativa, deixou-se por alguns instantes ao abandono assombroso das ideias. Vi que alguma coisa tinha acontecido ali e, curioso, esperei.

- Nunca pensei que a minha ignorância tivesse tanto valor! – concluiu quase sorrindo.

Deixando que ela seguisse com os exercícios, fui para minha mesa pensando nessa escola que adora respostas e odeia perguntas.

Já sei escrever seu nome!

Estava no meu horário de café e uma professora teve que sair para resolver um problema e pediu que eu ficasse com a turma. Pois bem, fiquei e as crianças logo perceberam minha presença.

- Prô, cadê a professora “S”?

- Ela já volta, só foi resolver um probleminha.

Ficamos conversando sobre o desenho que estavam assistindo e sobre o que tinham feito naquele dia, até que surgiu o assunto de escrever o nome. Quem sabia o de quem e se eu sabia escrever o nome deles e aí “R” veio com a pergunta:

- Prô, como é mesmo o seu nome?

- Bia... Beatriz. – respondi.

- Ah, eu já sei escrever seu nome.

E escreve “no ar” bem grande.

-Prô, seu nome é grande por causa do seu tamanho, né?

E olha que eu não sou alta, mas perto deles...

* Formada em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (2011-2014). Participa do Grupo de Pesquisa em Educação Continuada (GEPEC); realizou duas iniciações científicas e seu TCC orientada pela Prof^ª. Dr^ª Ana Maria Falcão de Aragão. Atualmente está como professora de Educação Infantil em uma escola particular no interior de São Paulo

Comunicação discente – uma linguagem a ser conquistada

As lembranças são interessantes, nos permitem viajar no tempo, reviver histórias e aprendizagens e, sobretudo, perceber conexões com o presente. Tenho a felicidade de ter escolhido envolver-me profissionalmente com a educação desde a década de 1980. Trajetória orgulhosamente iniciada em escolas da rede pública de ensino da Cidade do Rio de Janeiro.

Em busca de formação nos bancos acadêmicos desde o princípio dessa caminhada, considero que minha instrução mais significativa deu-se justamente na condição de professora/aprendiz nessa rede de ensino. Suponho ter sido agraciada com o que chamam de “sorte de principiante”. Fosse por capricho do destino ou qualquer outra justificativa plausível, o fato é que meus primeiros passos no magistério inauguravam o meu percurso em uma das unidades dos CIEPs (Centros Integrados de Educação Pública) na marginalizada comunidade carioca da Maré. Aquela lembrada pelo *Paralamas do Sucesso*, no refrão: “Alagados, Trenchtown, Favela da Maré, a esperança não vem do mar, nem das antenas de TV. A arte é de viver da fé, só não se sabe fé em quê.”

*Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Professora do Colégio Pedro II - Campus Engenho Novo I. Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad).

Já em sala de aula, me deparo com uma turma com faixa etária tão heterogênea quanto surpreendente. Os alunos matriculados no que se chamava 4ª série tinham entre nove e dezoito anos. Sendo eu recém-saída da escola de formação de professores em nível médio, no auge dos meus dezoito anos, passei a nutrir um turbilhão de sentimentos diante daquela realidade em que se encontram estudantes excluídos da rede regular de ensino, redirecionados para os CIEPs para “fazer a limpa” na rede, conforme se dizia na época.

Muitos conteúdos a serem desenvolvidos, conquistas a serem realizadas e o currículo implacável me apresenta o desafio das expressões numéricas que, confesso, até hoje tenho dificuldade em perceber seu real sentido na construção lógico-matemática dos pequenos.

Eis que me deparo com Paulo, menino esperto e com uma agilidade física impressionante, ele não conseguia compreender as regras de resolução das expressões numéricas. Primeiro resolvemos multiplicações e divisões, depois adições e subtrações. Completamente segura das metodologias a serem aplicadas, empregava o uso de material de contagem como argolas e chapinhas coloridas. Parecia que a compreensão que dentro da multiplicação há adições e dentro da divisão, subtrações seria suficiente para elucidar as dúvidas de Paulo. Também tentava utilizar cores variadas nas sentenças matemáticas para que as operações principais saltassem aos olhos do estudante e ele, enfim, compreendesse a emergência de sua resolução. Narrava uma infinidade de histórias, me valia de músicas para memorização, no melhor estilo dos cursinhos pré-vestibulares. Mas nada

parecia surtir efeito com o menino. Resultado: nenhum ensino, logo, nenhuma aprendizagem.

Os meses avançavam e meu temor principal era da minha flagrante incompetência que se tornaria nítida para a equipe técnico-pedagógica da escola. Então, em um átimo de desespero, implorei aos alunos: “Alguém podia, pelo amor de Deus, ajudar o Paulo a compreender como resolvemos as expressões numéricas?”.

Foi então que Walter, um dos alunos mais resistentes a se enquadrar no modelo escolar tradicional, trabalhador do tráfico nas horas além-muros-escolares, sai de sua mesa e sentencia: “*Vô resolvê isso, psora!*” Curiosa, acompanho a didática de meu colega temporário de profissão. “*Aí, mermão! Deixa de sê mula, cara! Primeiro tu resolve as contas que tem esses sinal aqui.*” Aponta, então para os sinais da multiplicação e divisão. “*E depois, tu faz o resto. Copiou?*”

Pensei cá com meus botões: “Tempo perdido. Preciso arranjar logo uma boa desculpa sobre esse fracasso com Paulo para a coordenação. Já estou me vendo sendo deportada para Sepetiba, lugar longínquo para onde eram enviadas as fracassadas”. De repente, como se tratasse de um milagre, percebo Paulo com os olhos brilhantes, daqueles que denunciam quando uma coisa boa acontece. O menino vira-se para mim e dispara: “Por que você não me falou isso antes? Agora eu entendi.”

Durante anos pensei nesse episódio, tentando dar explicações pedagogicamente racionais para o fato: ele foi construindo o conceito conforme fomos trabalhando o material didático e o “estalo” aconteceu com a fala do colega; o Walter era uma referência na comunidade e o que ele falava tinha maior significado, ou numa

perspectiva Walloniana, Walter conseguiu afetar Paulo. Enfim, muitas pestanas queimadas depois, não consegui chegar a uma conclusão convincente.

Os anos seguiram passando e minha carreira alternava-se por momentos de docência, pelo trabalho administrativo na secretaria, a formação de professores em universidades até reencontrar a sala de aula com crianças por volta dos seus 9 anos.

Dessa vez a jornada foi retomada em uma tradicional e renomada instituição de ensino federal, também na cidade do Rio de Janeiro. Ali os estudantes de uma turma de terceiro ano do Ensino Fundamental traziam referências e bagagens distintas da minha primeira turma na Maré. Sendo assim, acreditava que agora encontraria outros desafios. Até que em uma manhã de outono do ano de 2014, vivencio um *déjà-vu*.

Milena, menina de olhos espertos, muito parecida com a personagem Emília do Sítio do Pica-pau Amarelo, pois trazia sempre uma resposta na ponta da língua, não conseguia compreender a resolução de problemas quando as expressões *a mais* e *a menos* entravam em cena.

Recorri então a algumas tentativas pedagógicas clássicas, com material concreto. Todas em vão. Logo me recordo da lição aprendida com o colega Walter em tempos idos. E, diante do impasse na construção desse conhecimento, peço a ajuda a meus colegas aprendizes/professores. Nesse momento, não mais por medo de uma fragilidade profissional ser apontada, mas preocupada com o sucesso escolar de Milena e suplico: “Quem pode me ajudar a explicar a Milena como resolvemos esse problema?”

Patty levanta resoluta de sua cadeira, pega minha caneta de quadro branco e se dirige com toda propriedade do alto de seus oito anos de experiência pedagógica e repete passo-a-passo a forma de explicar que eu tinha acabado de fazer para Milena. Dessa vez pensei em frações de segundos: “Claro que não vai dar certo. Patty não tem nenhuma expressão considerável na turma, nem na comunidade, não utilizou uma linguagem ‘aproximada’ de Milena e, ainda por cima, repetiu detalhadamente minha estratégia de ensino. Não vai rolar.”

Quando me dou conta, os olhos de Milena estão reluzentes, me remetendo a uma viagem pelas lembranças. O olhar da menina tem o mesmo brilho dos olhos de Paulo, o aluno do CIEP. Aquele brilho no olhar, portador das coisas boas. E assim, desperto, retornando ao século XXI, ouvindo novamente a frase: “Por que você não me falou antes? Agora eu entendi.”

Com certo alívio, nostalgia e alegria, questões antigas retornam. Retomo os ensinamentos de Vygotsky e Bakhtin. Percebo que as relações entre os sujeitos são a grande chave para uma interação pedagógica efetiva. Entretanto, me encanta e desafia perceber que a linguagem entre semelhantes possui caminhos ainda a serem explorados de forma mais consciente por nós, docentes e pesquisadores e, por fim, conquistar a lógica das conversas discentes. Quem aceita o desafio?

Ratei!

Começamos a trabalhar poesia no início do mês, estão empolgados, percebi que gostam bastante de ler, saber a vida do autor e algumas coisas mais. Cada vez que passo uma poesia na lousa, peço para circularem as palavras que rimam, depois pergunto quais são e se eles se lembram de outras palavras para rimar.

Hoje passei uma poesia do Sérgio Capparelli, lemos, falamos sobre ela, mas mudei a maneira de trabalhar, escolhi algumas palavras e pedi que escrevessem três palavras que rimassem com elas.

Passado um tempinho, H. chegou à mesa e me entregou o caderno dizendo:

- Nossa, acho que não quero mais ficar no 1º ano, as lições são muito fáceis!

Balancei a cabeça sorrindo para ele e comecei a olhar as rimas, uma das palavras para rimar era “acordei”, ele escreveu: sonhei, respirei e ratei.

Perguntei a ele o que era aquilo que ele havia escrito e, com o sorriso delicioso de sempre, me respondeu:

- Ah, quer dizer que eu virei um rato. Então eu ratei! - Mexeu com a boca e a cabeça parecendo dizer que era normal aquilo.

* Professora Efetiva na Secretaria Municipal de Educação Campinas. Atuando no 1º ano. Licenciada em História pela PUC-Campinas. Mestre e Doutoranda em Educação pela FE/UNICAMP. Pesquisadora do GEPEC. Bolsista da CAPES processo BEX: 5636/11-6. E-mail: Cristina.crishop@gmail.com

Rindo, falei que não podia, que aquela palavra ratei não existia. Nossa! Se arrependimento matasse...

Desatou a falar:

- Professora, claro que pode, é uma fantasia, é a minha imaginação! Você falou para minha mãe outro dia que a minha imaginação era boa, agora tá dizendo que é ruim?!

Comecei a falar:

- Não, amore, é que...

Ele retrucou:

- Tudo pode aqui! Esqueceu que estamos em Sedna e que você é um robô e robô nem existe, a Marcelinha não existe, o Batman e o Super-homem, nada disso existe, mas aqui na classe tudo existe, então eu posso virar um rato e dizer que ratei sim, porque estou usando a imaginação!

- É que...

E ele metralhou de novo:

- Prô, além do mais, o Sérgio pode dizer que tomou café com mosquito na poesia dele, você outro dia deu uma poesia que falava que a gente podia brincar com as palavras e agora eu não posso escrever ratei e além do mais não é nem poesia, é só uma lição fácil!

Bom, nessa hora resolvi tirar o time, né, entendi ele dizer que minha lição era tosca de tudo. Falei que tudo bem, que ele estava certo. Com o mesmo sorriso, pulou da cadeira, calçou metade dos pés nas havaianas amarelas, arrumou sua camiseta branca e rosa, pegou seu caderno e jogou na carteira, pegou um livro que estava tentando ler desde segunda-feira, foi caminhando até a rede, no meio do caminho gritou:

- Robô, quando eu for escrever a poesia vou fazer bem linda, não fica triste não!

Imaginei a minha cara como estava e ainda ouvi sua pergunta para a turma da rede:

- Cabe eu aí?

Professor, como faço essa letra?

Acredito que, como eu, muitos professores acumulam histórias vividas no cotidiano de suas escolas, em especial no espaço-tempo de suas aulas. Essa *pipoca* aconteceu durante a aula em uma das turmas de alfabetização na qual lecionei no Rio de Janeiro.

Um dos meninos começou a investir em escrever de outra maneira. Buscava outra caligrafia, o que não era uma exigência, pelo contrário, eu os deixava muito a vontade quanto a isso. Mas ele havia decidido que passaria a escrever utilizando as letras cursivas, o que alguns colegas já faziam; portanto, mostrava-me com frequência seus escritos para saber se havia conseguido ou para perguntar como fazia alguma letra.

Aquela manhã, ou seria uma tarde (?), o menino se aproximou e perguntou como escreveria um h em letra cursiva. Eu lhe mostrei alguns, inclusive de textos dos outros colegas. Após algumas tentativas de traçá-lo, voltou a pedir ajuda dizendo que não conseguia fazê-lo. Em um papel em que eu escrevia alguma anotação, fiz a tal letra e, após observar atento, tentou novamente sem

*Professor alfabetizador na Rede Pública de Educação do Município do Rio de Janeiro, mestrando do Programa de Pós-Graduação “Processos Formativos e Desigualdades Sociais”, da Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro (FFP-UERJ), membro do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores (ALMEF).
profoliveira.d@gmail.com

conseguir escrevê-la. Uma outra criança, quieta, observava-nos. O menino tentou outra e outra vez e eu tentava lhe orientar falando, apontando e mostrando aqui e ali a letra em questão. Mas não estava dando certo. Depois de mais algumas tentativas nossas, aquela outra criança, percebendo nossa dificuldade, se aproximou e disse que gostaria de tentar ajudar.

Com muita simplicidade falou algo do tipo “Sabe escrever o meu nome desse jeito (com letras cursivas, queria dizer)?” O outro acenou que sim com a cabeça. “Então...”, continuou, “... faz o meu Y de cabeça para baixo”. E o menino sem demonstrar qualquer dificuldade, mas com um movimento bastante seguro fez o que lhe foi dito e ali estava o h cursivo pronto.

Não pude esconder a admiração que me causou o que acontecera. Após inúmeras tentativas nossas em vão, a outra criança resolveu o problema. Que olhar atento! Quanta sensibilidade teve. Quanto mais têm a nos ensinar essas crianças com as quais convivemos todos os dias? Que saberes sabem elas, que nós ignoramos? Como conseguiu buscar, tão precisamente, uma outra experiência de escrita do menino (de escrever certo nome)? E como conseguiu abordar a questão de forma que lhe fizesse sentido, compartilhando uma lógica que lhe fosse possível compreender?

Todas essas perguntas não as deixo que se esvaíam, como forma de experiência que muito me ensinou e para que eu reflita constantemente sobre minhas ações no cotidiano escolar.

Dejanira Fontebasso Marquesim*

Café com Diálogos

Tivemos o privilégio de vivenciar esse ano, em um dos encontros de formação continuada da equipe da Escola de Educação Integral, uma experiência ímpar de diálogos e reflexões. Motivados pela ideia de que precisamos registrar a experiência de construção e implementação do nosso Projeto de Educação Integral, decidimos escrever um livro.

Juntamos uma comissão com profissionais que ficaram mais próximos da produção no sentido organizacional, no entanto, toda a comunidade educativa deve participar da produção das narrativas que comporão o livro. Nosso primeiro desafio foi pensar como organizaríamos tudo que queremos contar, ou melhor, como decidiríamos o que contar. Assim a comissão decidiu organizar uma dinâmica chamada de World Café.

A dinâmica funciona da seguinte maneira: dividimos os profissionais em grupos de 6 a 7 pessoas, que sentados numa mesa posta com café e guloseimas, tratariam da questão colocada a todos. A cada quinze minutos as pessoas precisam trocar de grupo, ficando na mesa um elemento que deve posicionar os novos integrantes das discussões feitas e cuidar para que tudo seja registrado. Os registros foram feitos em folhas de papel pardo grandes de modo que todos pudessem, se assim

* Dejanira Fontebasso Marquesim, pedagoga e Mestre em Educação pela UNICAMP, atualmente Supervisora Educacional do Sistema Municipal de Campinas. dejaniraf@gmail.com

desejassem, deixar registradas palavras, desenhos, cores, pensamentos.

A pergunta norteadora foi: “o que contaremos sobre nossa experiência na Escola de Educação Integral?” Esse foi um momento repleto de narrativas, análises e reflexões que jamais seriam suscitadas se não fosse num diálogo em torno de uma mesa com café e guloseimas. Os profissionais, outrora resistentes à ideia do livro, entendendo que essas narrativas precisavam assumir um caráter acadêmico, se deixaram levar pela magia e descontração do bate papo numa tarde de café entre amigos. As lembranças voltaram, os problemas foram remoídos, as dificuldades rediscutidas e um balanço do esforço coletivo para abraçar o projeto pôde ser feito.

- Eu nunca entendi o que queria dizer trabalho coletivo. Só agora pude perceber como é trabalhar realmente no coletivo tendo que decidir as coisas juntos...

- A falta de espaço impulsionou o coletivo e experimentar o novo nos fez ficarmos juntos...

- Hoje até as crianças percebem que os professores formam um coletivo... Professores de áreas e formações diferentes trabalham juntos...

- Temos que mostrar que nossa escola tem uma identidade e a crise favoreceu a união...

- Articulação do trabalho, o exercício da parceria foi potencializado pela Escola de Educação Integral, ampliando nossa relação com os alunos...

- Nossos alunos sabem falar, discutem, participam da organização da escola...

Estas foram algumas das falas que apareceram no grupo durante a discussão. Foi o momento narrativo mais interessante que vivenciei nesses 20 anos de trabalho com

a Educação, decidir o que contaríamos nos colocou a narrar e a refletir sobre a importância do que estávamos discutindo e nos moveu a pensar o quê, como e porque estamos fazendo... Tudo isso é pra ver brilho nos olhos de nossos alunos, é para eles e com eles.

Dulce Cornetet dos Santos Pomilio*

Construindo a convivência em “nenezês”

O ano de 2015 promete muito a todos nós, educadores da EMEI Fadinha Azul. Após a jornada de estudos, em 2014, sobre trabalho com projetos e construção da autonomia moral, nossa equipe está muito motivada com aquilo que tem vivenciado com as 4 turmas da escola: uma turma de agrupamento II, duas turmas de agrupamentos III e uma turma mista agrupamento II e III.

As crianças têm demonstrado muita compreensão sobre os compromissos assumidos no coletivo.

O ano que passou foi rico em aprendizagens e surpresas. Não esperávamos que crianças tão pequenas conseguissem compreender o significado de princípios de convivência construídos no grupo.

Iniciamos nosso desafio de radicalizarmos a gestão democrática, incluindo as crianças dos Agrupamentos III, com idade entre 3 e 5 anos, nas decisões da escola. Além dos momentos diários da roda de conversa, esta participação se deu nas assembleias semanais, realizadas às sextas feiras, pelas duas turmas de agrupamento III do turno da tarde.

Nessas assembleias, as professoras Aline e Silvana encaminhavam todas as propostas sobre organização do espaço, aquisição e uso de materiais, organização de

* Orientadora Pedagógica da Educação Infantil, da Rede Municipal de Educação de Campinas, Graduada em Educação Física, Psicopedagogia e em Pedagogia. Mestre em Educação pela Unisinos – Universidade do Vale do Rio dos Sinos - RS. “Livre-aprendente”.

eventos, planejamento da aprendizagem. As decisões eram compartilhadas com eles. A turma do Agrupamento II, com idade entre 2 e 3 anos, passou a participar da assembleia porque as crianças queriam fazer tudo o que os “grandes” faziam e porque os maiores acreditavam que os pequenos também deveriam se comprometer com os combinados.

A participação dos pequenos foi além de nossas expectativas.

Pedro, com dois anos de idade, foi até minha sala, na direção da escola e vendo, sobre minha mesa, algumas fotos dos brinquedos novos, foi me perguntando sobre cada uma delas. Falava com aquele vocabulário nenezês, que precisa ser ouvido com muita minúcia para que possa ser decifrado.

De repente, Pedro fixou o olhar na foto de uma motoca e me disse:

– *“Motoca naleia”*.

Como eu respondi um “sim” displicente, ele repetiu:

– *“Duxi, motoca na aleia.”*

Foi então que percebi que Pedro estava me apontando que um dos combinados havia sido desrespeitado. Havíamos combinado que motocas, bonecas e instrumentos musicais seriam usados longe da areia, para preservar os brinquedos e evitar acidentes no parquinho.

Eu e a professora Silvana, que fez a foto, tivemos muito trabalho para explicar ao pequeno que a motoca só ficou na areia, por alguns segundos para fazer a fotografia, porque naquele lugar tinha mais sol, mais luz.

Não sabemos se Pedro compreendeu bem, mas aceitou nossas explicações e deu o assunto por encerrado.

Depois do episódio da cobrança de Pedrinho, os adultos ficaram mais cuidadosos com todos os combinados, em especial com os brinquedos na areia e no parquinho.

Na semana passada, a professora Raquel observava Valentina, AGII, brincando com a boneca no parque. Ela já tinha descido com ela no escorregador e havia “amamentado” a bonequinha. A professora foi logo lembrando a pequena sobre o combinado:

– Mas você trouxe a boneca para o parque? Vai sujar!

Valentina, sem pestanejar, respondeu:

– Não trouxe a boneca. Estou levando “a minha filha” para passear.

Mais uma vez ficamos encantados, apaixonados pelos processos de aprendizagem de cada criança, e aprendemos mais um pouco sobre participação. Cada um de nós tem uma compreensão diferenciada do mesmo combinado. Cada um a partir de seu lugar, de sua vivência.

O mais encantador nisto tudo é a possibilidade, a capacidade de argumentação e de compreensão do ponto de vista de um e de outro.

Grace Caroline Chaves Buldrin Chautz*

Ler e ser. Ou seria, ser e ler?

Uma criança pré-silábica que lê?

Era exatamente isso que vivenciei em minhas andanças de professora da escola pública, quando era 2008.

Uma criança que lê a vida com uma leitura única, que a faz um sujeito único.

É impossível descrever o prazer que senti ao presenciar o momento em que aquele adolescente menino de 13 anos, não alfabetizado nessa língua convencional de leitores e escritores em que estamos inseridos, de repente levanta-se de sua cadeira com uma folha nas mãos e me diz:

_ Professora, lê pra mim a história que eu escrevi aqui?

Naquele papel, letras sem sentido e a mim coube apenas uma voz embargada e um sentimento analfabeto que lhe disse:

_ Foi você quem escreveu. Então, nada melhor que o próprio autor do texto ler para a turma.

Desafio aceito e, ao final da leitura, aplausos dos amigos. Eu não poderia ler a história daquele menino, pois ali, era analfabeta.

* Professora Efetiva do Estado de São Paulo – 2005 a 2010. Professora da Rede Municipal de Campinas, atualmente atuando na Educação Infantil. Graduada pela PUC - Campinas/2007. Mestranda do GEPEC, sob a orientação do Prof. Dr. Guilherme do Val Toledo Prado/2014.

O garoto tímido

Mais um ano letivo se inicia, o típico friozinho na barriga das crianças, nos primeiros dias de aula, também é sentido pela professora, ansiosa por conhecer sua nova turma. Como serão as crianças? Serão participativas? Interessadas? O grupo vai colaborar? Será que terei dificuldade com alguma criança? E todas essas perguntas que nos consomem nos primeiros dias. Dentre os trinta rostinhos da sala, lá estava o de João, uma criança totalmente nova para mim... na roda da conversa, não falava quase nada, o seu jeito introspectivo me incomodava... será que João está mesmo aqui, concentrado na conversa dos colegas, ou estará distante em seus pensamentos? Outro dia, a professora do ano anterior entrou na sala e disse: “Ah, o João está aqui?! Ele não conversa muito, professora, mas ele canta demais!” Então um dia na roda, perguntei: “Quer cantar, João?” Foi então que soltou a voz e cantou uma música, voz firme, alta, lembro-me que a letra era enorme, desconhecida para mim e para a turma, falava de um boiadeiro do sertão, pelo sotaque percebi que João é da região nordeste do país. Nesse dia, as crianças, assim como eu, ficaram impressionadas com João, o pobrezinho teve que cantar

* Hélica Silva Carmo Gomes é professora de Educação Infantil da Rede Municipal de Educação de Campinas-Sp. Pedagoga e Mestre em educação pela Universidade Federal de Goiás.
Email: helica@gmail.com

mais umas três vezes seguidas, até dizer que já estava bom! Os dias foram passando, deu para perceber que essa criança era realmente mais introspectiva, gostava mais dos jogos, quebra-cabeças e legos do que brincar ou interagir com os colegas. No parque, sempre me contava histórias de um tal de “Rauzinho”, sempre me falou dele e suas aventuras, mas a tarefa de cuidar de mais 29 crianças e estar sempre ocupada acudindo uma ou outra que demandava atenção me impedia de aprofundar a conversa. Dia desses, no parque, João começa um novo diálogo:

– Professora, descobri que sou forte, forte como Rauzinho.

– Ah é? Como descobriu isso, João?

– Medi forças com ele e quase consegui ganhar.

– Você sempre me fala sobre esse Rauzinho, quem é ele?

– Meu irmão

– Seu irmão?

– Acho que sim, é porque ele nasceu da barriga de minha mãe e eu também nasci da barriga de minha mãe.

– Então vocês são irmãos mesmo! Do mesmo sangue!

– É, acho que sim!

– Ele é mais velho que você?

– É não! Ele é assim oh... bonito!

– Entendi! (risos).

Mais tarde, na saída, o padrasto de João chegou para levá-lo, mas dessa vez, estava acompanhado, se tratava de uma criança um pouco maior que João, a diferença não devia passar de dois anos... João me olha e dá um enorme sorriso...

– Professora, esse é Rauzinho que te falei, é meu irmão!

Lá se vai João, e nesses três meses de aula, ainda não posso dizer se sei muito sobre ele, mas lá se vai a criança tímida, cantora e feliz, com seu grande amigo, sua referência, sua companhia... seu irmão!

Difícil? Será?

- Contos do mundo todo? Isso não é muito difícil para as crianças de quatro anos?

- Eu acho que não.

- Eu acho que sim.

- A gente pode tentar.

Foi assim parte da reunião de planejamento com as professoras da Educação Infantil.

Aí, depois de alguns dias, cheguei à escola e estava um corre-corre atrás do Globo Terrestre. Procura daqui, procura dali...

- Helô, a professora Bruna precisa levar o Globo pra roda.

E lá fui eu, junto com o Globo, sentar e escutar os pequenininhos. A professora nem precisou pedir pra fazer a roda. Escureceu a sala e ligou o tal Globo na energia elétrica. Num instante vinte e poucas mãozinhas tentavam apalpar a bola iluminada. Um empurrão aqui, outro empurrão ali, aos poucos, mãozinha por mãozinha todos foram acariciando a bola que não servia pra jogar.

Nem foi preciso incentivar muito para que o papo começasse a rolar:

- O que acontece se eu ir aqui a pé? – a pequena aponta o dedinho em algum lugar do Globo que, de onde

* Coordenadora Pedagógica e Professora no ensino superior. Atuação na formação de profissionais da educação. Mestre em Educação pela UNICAMP. heloisamartinsproenca@gmail.com

eu estava, não conseguia enxergar. Nem tive tempo de me esticar para ver direito e ela já lançou outra indagação:

- O que é isso aqui?

- Aqui? São ilhas. – respondeu a professora.

- Parecem pedras no mar – completou a pequena.

Enquanto a professora pedia para que cada um falasse de uma vez e ia aparando mãozinhas e bracinhos, orientando-os a sentar para que todos pudessem ver e ouvir, surgiam comentários e observações de todos os lados.

- Anoiteceu no país. Onde é esse país? – pergunta outra menina.

- É o Canadá. Será que é frio? – responde e questiona a professora.

- É frio porque tem neve. – responde uma das crianças da roda.

Todos tinham algo a dizer ou a perguntar.

- O que é esse daqui? – diz um garoto apontando o dedinho e saltando sobre o globo.

- É o Alaska. É muito frio. Todos os países que são perto desse lugar são muito frios.

A professora ia explicando e reorganizando a roda, pedindo para que as crianças se sentassem e orientando que falassem um de cada vez para que todos pudessem ouvir.

Fiquei pensando que seria muito bom se tivéssemos um Globo grandão naquele momento.

- E onde é esse vermelho? – diz outro menino, apontando para uma manchinha amarela no globo.

- Vermelho ou amarelo? - pergunta a professora.

O garoto coloca o dedo sobre a manchinha amarela e a professora responde que o amarelo é a Finlândia.

- Eu sabia!!!!

- É, aqui o mundo é pequeno, mas de verdade é muuuuuuito grande!!!!

E todos foram dizendo sobre o que já tinham aprendido e o que iam aprendendo ali, juntos: *tem terra, tem mar, tem países, tem frio e quando está frio tem que usar toca e luva.*

E quando eu achava que a conversa estava em clima de terminar, outro garoto pergunta:

- Onde é o Polo Sul?

Augusto, uma pipoca saltitante, curiosa e instigante

O pequeno astronauta rodopiava entre as carteiras da espremida sala do 1º ano, antiga Classe de Alfabetização. Ele pertencia à trupe dos alunos que não paravam sentados na cadeira. Vivia entre rodopios e imaginárias viagens ao espaço sideral. Não demorou muito para lhe apelidarem de “menino do espaço”, “astronauta” ou “menino maluquinho”.

A professora ordenava pela enésima vez:

- Augusto, senta!

Ele ignorava.

E girava, girava... Por vezes, atingido pelo ataque de raios laser, tremilicava o corpo inteiro, despencando rumo ao chão.

Eu observava. Tentava dimensionar o que se passava naquele cérebro fértil que através das brincadeiras promovia conexões de ensino-aprendizagens dignas de apresentação em congresso de Educação.

Em seus raros instantes de pausa, com ar de filósofo, se aproximava me questionando:

- Tia, a gente vai aprender a ler hoje?

- Augusto: você já sabe ler um montão de coisas.

- Eu?!

*Graduanda do curso de Pedagogia, faz estágio supervisionado em uma turma de 1º ano e presta atendimento de apoio pedagógico a dois alunos diagnosticados com TEA (Transtorno do Espectro Autista) um matriculado no 1º ano e o outro no 4º ano do Ensino Fundamental.

- É... Aprender a ler é feito “mágica”. Cada dia aprende um pouquinho e de repente, tá lendo tudo!

- Mas é hoje?! - Insistia o menino 1000 anos luz à frente da minha fala.

E eu percebia que meus argumentos “lúdicos-pedagógicos” tão pouco atendiam sua sede pelo conhecimento.

Veza por outra, Augusto estacionava curioso na carteira do colega Pietro.

- Tiaaaaaaa! O Pietro não fala?

- Ele fala. Quer ver? Diz “oi” pra ele...

- Oi, Pietro! Oooooooooi! Oooooooooiê!!!! Viu tia? Ele não fala...

- Tenta de novo.

- Não precisa! Já sei! Ele fala inglês.

Dito isso, Augusto ligava as turbinas e saía, na velocidade de um foguete, rumo ao fundo da sala, onde se estatelava na parede.

Pietro era o colega “autista”. Na Educação Infantil ele havia estudado com algumas crianças da turma, mas não com Augusto, que parecia enxergá-lo como um enigma desvendando-se em sua imaginação de modo cada vez mais inusitado. Determinado com a missão de fazê-lo falar em “brasileiro”, Augusto imitava a professora:

-Pietro, vamos lá! Repete o que a professora diz: P... pá, pé, piii, poooo, púúú!

Pietro olhava a cara do pequeno instrutor, desfocava o olhar, olhava de novo e por fim, gargalhava.

Augusto insistia no “dinâmico” método de repetição silábicas, igualzinho a professora fazia.

A essa altura, d. Carminha, a professora regente, percebia o menino novamente em pé e o rebocava para sua carteira esbravejando:

- Augusto, seeeenta aqui! E repete: P... pá, pé, piiiii, póóóó, púúú!

- Tia! Eu já sei... estava ensinando ao Pietro.

- Não interessa! Fica quieto e repete: P... pá, pé, piiiii, póóóó, púúú!

Confesso que não compreendia se o Augusto deveria repetir o que dizia a professora ou ficar quieto, como ela também pedia. Assim como não assimilava muito bem a função da repetição infinda do “P... pá, pé, piiiii, póóóó, púúú”, precedida pelo “L... lá, lé, liiii, lóóóó, lúúú!”. O fato é que quanto mais a professora regente se exaltava, exasperando-se em busca da repetição correta das “famílias silábicas”, mais os alunos se desconcentravam seduzidos por outros interesses, expostos logo ali, na mesa do colega.

E como em imaginação ninguém manda, ousei dar asas à minha e vislumbrar como seria se a turma fosse convocada para uma missão de detetives, investigando e descobrindo quais dos colegas tinham nomes iniciados com a letra “P” ou “L”. E quais outras letras iniciavam os nomes das demais crianças da turma. E se depois dessa “descoberta” os pequenos investigadores encontrassem essas letras nos nomes dos seus personagens preferidos, as tais famílias silábicas e assim produzissem algumas frases, compondo, quem sabe, uma história e... Ops! Percebi que o entusiasmo com esses pensamentos me desconectou nitidamente da sala de aula. Naquela altura a professora regente me olhava desconfiada pela indevida desconcentração. Me senti aflita, surpreendida, como se

tivesse pego um doce a mais na bandeja de brigadeiros. Será que ela havia percebido que eu estava ficando parecida com uma pipoca saltitante e levada?

Para não parecer ingrata, insurgindo contra seu infalível e indiscutível método alfabetizador, que com orgulho a mestra anunciava estar em seu 13º ano de prática ininterrupta em sala de aula, escondi o entusiasmo e as ideias mirabolantes. Troquei o sorriso por um ar circunspeto.

Esperei, ansiosa, o término da aula para registrar além da memória estas subversões alfabetizadoras. Com a certeza (ou ilusão?) de que, tão logo estivesse como professora regente, eu compartilharia esses olhares e percepções com a turma, ouvindo seus pensamentos e embarcando com eles numa jornada emocionante com todo o sabor e alegria que pipocas quentinhas e perfumadas podem nos inspirar.

No que depender de mim isso acontecerá em breve!

Por que o cupim come madeira?

Minha primeira experiência docente começou em 2014. Duas turmas de quarto ano, cinquenta e duas crianças no total, lecionando uma disciplina de Ciências com aulas no laboratório. Após seis anos praticamente “refém” da teoria, tendo feito pesquisas em outra escola pública, focando nos diversos modos de aprender a ler e escrever das crianças, finalmente estava “dentro” de uma sala de aula. Confesso que nas primeiras semanas, muito me fugiu do que li e estudei ao longo dos anos... Mas aquela vontade de se permitir o imprevisível, de tentar captar os sons e gestos infantis, de querer mais escutar do que falar... Esse desejo estava lá! E entre tantas surpresas, desvios e (des)ilusões, eis que, logo nas primeiras semanas, descobrimos, eu e as crianças, que o nosso armário, com todo nosso material didático (livros e pastas individuais) estava sendo devorado por cupins! Pior que isso: os cupins já estavam comendo os papéis! Desespero. Aflição. Sem saber o que fazer, conversei com uma colega de trabalho que usava o mesmo armário e, então, decidimos transferir o material para outro armário, conseguido às pressas. Dentro de uma escola, de uma sala, de um espaço, esse acontecimento poderia ter sido trivial. Para a gente não foi. Apesar de estar ensinando aprendendo sobre cadeias alimentares, não usei

* Mestre em Educação pela Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro. Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad)

o ocorrido como pretexto para o “conteúdo” e o meu planejamento seguiu como eu “esperava”. Pois é, estava caindo na armadilha do controle – de querer controlar o que poderia ensinar, seguindo um modelo, um planejamento, um currículo... Eis que na mesma semana da transição dos materiais, uma criança chega perto de mim e pergunta:

- Professor, mas por que os cupins comem a madeira?

No meio da agitação da aula, fiquei atônito e somente respondi:

- Não sei!

Porque professor não sabe tudo. Não sabe mesmo! E então tive uma ideia no mesmo dia e a propus às turmas: “Que tal criarmos um caderno de dúvidas? A gente escreve nossas dúvidas nele e todos nós – crianças e professor – pesquisamos para encontrar alguma resposta que nos ajude.”

Dáí em diante, usamos o caderno para tentar sanar nossas dúvidas. A maioria aparece no meio das aulas. O caderno continua com a gente até hoje. Às vezes a gente se esquece dele, mas ele está lá! E nos ajuda sempre.

Quando descobri o som das bolhas

Guardo o meu medo e tento descobrir os deles... vejo os desacertos e compreendo minha função de oportunizar momentos inesquecíveis.

Crianças dilaceradas, fragilizadas, tão marcadas pelo tempo. Vivem e não estão vivos, não encontram sentidos.

Mas a teimosia nossa que se repete, em busca de trilhar novos caminhos, antes nunca habitados em suas imaginações.

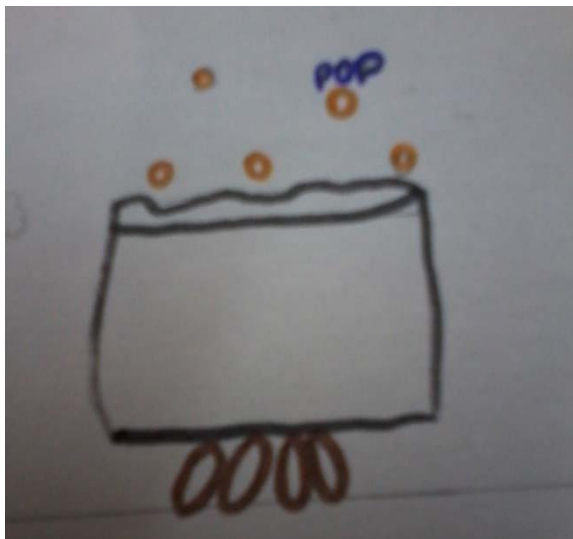
Antes acorrentados pelo sistema, pelas afirmações do não saber nada. Porém o poder da história, da palavra, adentra em sua mente e muda esta perceptiva.

Era final de uma aula, discutíamos sobre a história e caracterizávamos as personagens. L. pede a palavra e diz: "Posso desenhar outra coisa fora as personagens?" Respondo que sim e em poucos minutos vejo o desenho do caldeirão e suas bolhas. Pergunto: "O que você escreveu?" Responde: "POP. Este, prô, é o som quando as bolhas estouram." Paro e, perplexa, penso: "Não era este que segundo as sondagens dizia-se PRÉ-SÍLABICO?" Peço para repetir e repete com categoria e audácia. E continua: "Você não sabia, prô, o som das bolhas?"

* Professora da Rede Municipal de Franco da Rocha, atuante do Projeto FOCO em 2014, com a orientação da formadora Andreia de Jesus. Formada em Pedagogia pela Fundação Hermínio Ometto-UNIARARAS.

A luz chega, talvez no fim do túnel, mas com uma luz própria, trazendo a motivação e me deixando perplexa a cada avanço.

Realmente não compreendia o som das bolhas, estava tentando mostrar as personagens, o que, para mim, era significativo. O essencial estava na minha frente...



Jacqueline de Fatima dos Santos Morais *

Quando a gente não sabe o que dizer

Eu tinha 22 anos. Iniciava minha carreira docente em um colégio público na zona oeste do Rio de Janeiro. Gastava quase três horas na travessia de ida e volta entre os bairros Méier e Santa Cruz: destino final de todas as minhas manhãs.

Quase não havia mudanças na rota até a escola. O itinerário traçado de segunda a sexta consistia em pegar um ônibus que me levava à estação de trem mais próxima (melhor dizendo: *menos distante*). De lá, com sorte, uma composição me transportava até Tancredo Neves: a última das 19 estações do Ramal de Santa Cruz. Depois de inúmeros sacolejos, freadas bruscas, gritos de vendedores ambulantes oferecendo “Biscoito Globo”, “Picolé Dragão Chinês” e outros inúmeros “passatempos de sua viagem”, chegava ao destino (quase) final. Ainda tinha que seguir a pé por mais meia hora até avistar os muros da escola. Em meio a uma área rural, cercada de cavalos e vacas, árvores e chão de terra, vislumbrava o portão de ferro do colégio. O grito de um sinal alertava o adiantado da hora: 7h e 30 min. Hora de *ensinar e aprender* com meus alunos.

Durante cinco anos atravessei aquele *tempoespaço* arrastando corpo e espírito em sonolência, eternamente desadaptada ao longo percurso diário. O que me movia a

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Professora da Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Integrante da Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências (Rede Formad).

repetir aquela sina dia após dia, semana após semana, mês após mês, ano após ano, era estar com os alunos. Fazer-me presente em suas vidas. E, desta forma, sentir suas vidas como um presente na minha.

Aquela era minha segunda turma. A primeira, no ano anterior, havia sido composta por estudantes do 4º ano de escolaridade: um grupo de 13 meninos e 15 meninas, todos repetentes, agrupados em uma pequena sala de aula, sem janela que favorecesse a circulação de ar e de vida, sem mural que pudesse servir de apoio ao trabalho pedagógico com a turma, sem livros de literatura que permitissem o devaneio da palavra, a viagem com a língua, a ampliação da leitura do mundo. Composto este *cenário educativo*, tão-somente havia: parede, carteiras, cadernos e nós!

Então, em dia incerto, que a “desmemória” já borrou, uma menina de olhar úmido e gestos econômicos, quis mostrar à turma o que havia ganho no dia anterior, data de seu aniversário: o livro “Menina bonita do laço de fita”.

- Que bacana! – Disse eu, com sincero sorriso.

- Jacque, lê pra gente! - Pediu a menina rompendo o seu frequente silêncio tímido.

- Claro! Leio, sim.

Este livro, para os que não estão familiarizados com a bibliografia infantil, fala de um coelho branco. Seu desejo maior é ser negro como a menina que ele sempre via e que achava linda. Para isso, faz tudo o que a garota diz ser a razão de sua cor: toma café, come jabuticaba, pinta seu corpo...

Ao fim da leitura, ainda sob o impacto daquela bela história, ouvimos atravessar a sala de aula uma voz:

- Essa menina da história é preta igualzinha a Viviane.

- Não sou preta nada. - diz a menina magoada, sem conseguir conter o choro. - Minha mãe não deixa eu ser preta, não. Ela diz que eu sou moreninha.

Em início de magistério as palavras pareciam escapar, incapazes de dizer mais que *frases feitas*. As que pensei em pronunciar, pareciam desgastadas. Aparentavam nada valer naquele contexto. Mas se me escapavam certas palavras, sobravam outras. Em excesso estavam as palavras didáticas, as pedagógicas, as técnicas, as científicas. Eram ditos que não acolhiam aquele sofrimento infantil. Que não se solidarizavam com aquela criança. Que não acalentava seu espírito confuso e entristecido. Que não esquentava seu coração magoado.

Assim, eu, professora, recém-formada no “moderno curso de pedagogia” de uma importante universidade pública carioca, não tinha uma simples palavra que acolhesse o sofrimento de uma criança que não podia entender, naquele momento, o que significava ser negra. Que não sabia que ser negra poderia ser motivo de orgulho e não de vergonha e ocultamento. Eu, branca, moradora distante do lugar de origem de meus alunos, mais preocupada com os “conteúdos curriculares”, não fui capaz de abrir na sala de aula um espaço para narrativas, conversas, discussões e experiências raciais. Ensurdeci para aquele apelo e tratei de propor que cada um desenhasse a parte da história que mais tinha gostado. E não se falou mais de negritude naquela turma.

Essa história até hoje me habita. Se converteu em um relato que muitas vezes revisito. Cada vez que nele penso, novas lições emergem: de como não calar diante do racismo. Como não silenciar diante da violência. De como

não se acomodar diante do sistema, das normas, das regras, dos horários, das grades curriculares, das tarefas planejadas, dos conteúdos impostos, da própria alienação e incapacidade de ler o mundo do outro. Mas a lição maior que aprendi com essa história foi: escutar. Há que se escutar o outro, o seu sofrimento, sua necessidade de dizer, de pedir socorro. E há que amplificar este som para que seu grito não fique em vão. Porque uma vez, há muito tempo atrás, um grito dado por uma criança ficou sem resposta. E este som faz doer minha alma até hoje. Até hoje.

A última vez, ou recomeçar sempre?

Nesse ano de 2015, trabalho apenas com Educação de Jovens e Adultos (EJA) em uma escola à qual a Secretaria Municipal de Educação impôs uma condição que nos colocara diante de um desafio: atrair demanda para EJA do período da tarde ou fechariam as salas existentes em razão do número reduzido de alunos frequentes. A escola, localizada num bairro periférico da cidade de Campinas, próximo ao Aeroporto Viracopos, só oferece EJA, e em dois períodos: tarde e noite, sendo que no período noturno não há problemas com matrículas, pelo contrário, para alguns termos existe lista de espera.

Os alunos que procuram a EJA no período da tarde, em sua maioria, são jovens com trajetórias irregulares de estudantes, com históricos de expulsão em mais de uma escola. Manter os dois períodos, nesse caso, representa uma garantia de melhores condições para realização de um trabalho mais identificado com esses alunos, uma vez que um dos problemas que temos enfrentado na EJA vem sendo o conflito entre jovens evadidos do ensino regular e os adultos que buscam a escola para recuperar o tempo perdido, caso dos alunos do noturno. Mas o alcance de

* Professor Efetivo de Ciências na Rede Municipal de Campinas, SP, na EMEJA "Nísia Floresta Brasileira Augusta". Formado em biologia; Mestre em Educação pela FE-Unicamp/Grupo de Pesquisa GEPEC-Grupo de Estudos e Pesquisa em Educação Continuada. E-mail: joseantonio.ol@uol.com.br

alguma sintonia com esses alunos do período da tarde não vem sendo tarefa fácil.

Quando, num primeiro momento, o desafio parecia ser conseguir caminhar no sentido de superar as marcas ou cicatrizes das experiências de escola e mesmo de vida, para inserir algum tema de estudos, não levou tempo para se perceber que os problemas na escola não se limitavam à sala de aula. Nos intervalos, uma grande maioria dos alunos consumia a merenda rapidamente para irem para os fundos da escola consumir drogas.

A solução encontrada foi a de propor intervalos dirigidos, onde o tempo foi ampliado, porém com acompanhamento dos professores e com os alunos escolhendo e sugerindo músicas para ouvirem. Além do mais, disponibilizamos jogos como pingue-pongue, xadrez, damas, etc. Foi a partir de então que se começou a ser visível alguma mudança e oportunidades de ouvir e ser ouvido começaram a surgir na escola. No entanto, desafios não paravam de continuar surgindo.

No final do mês de março, um aluno chamado J. por alguns dias seguidos insistia em fazer algazarras e desafiar os professores durante as aulas. Chamado para uma conversa na presença da direção, se comprometeu a mudar de atitude. Nessa conversa buscamos caminhar no sentido de fazer acordos, porém manifestamos a intenção de não tolerar “deslizes”, ou indisciplinas que atrapalhassem o direito dos demais.

Desde o ano anterior, vem sendo um procedimento na escola oferecer atendimentos, ou períodos de aulas individuais a alunos de difícil convivência em grupo. Somente quando se percebe uma melhora é que o aluno volta a integrar o grupo novamente. Além de se

manifestar contrário à proposta de aulas individuais, o estudante se comprometeu a não repetir mais atitudes de desrespeito.

Em meados do mês de abril, recebemos matrícula de um aluno novo, também com histórico de várias expulsões de escolas por onde passara. Esse aluno, o J.F., é muito amigo do J. Nesse dia, o aluno ingressante, juntamente com o J., não deixou que os professores fizessem qualquer encaminhamento de estudos. Além de apelidar os professores, os dois não paravam de fazer brincadeiras maldosas também com os colegas. Chamados a sua atenção, tais alunos chegaram a ameaçar e a convidar quem os repreendia a resolver as diferenças lá na rua.

No dia seguinte ao ocorrido, a direção da escola buscou colher opiniões com todos os professores sobre o que fazer com os alunos indisciplinados e havia posições divergentes. Para muitos, o aluno J. é um reincidente, e se for permitido que ele continue fazendo o que fez irá provocar a desistência de outros estudantes. Para outros, a exemplo da grande maioria, o J. é um cidadão excluído que parece não contar com qualquer apoio familiar, e que não abre mão da convivência com os demais do seu grupo.

Já o aluno J., como que percebendo que a “corda” iria romper do lado mais fraco, chegou à escola no dia seguinte da forma mais discreta possível, sentou-se na última carteira e atendendo à solicitação da professora de português fez uma poesia a todos os educadores, funcionários e amigos(as) de sala.

“Primeiramente eu vou
citar a Karina
Que dá aula na Escola
EMEJA Nísia
E também vou falar das
meninas.
Tem a Andressa, a Mirian
e a Talita.
Pros professores eu tiro o
meu chapéu.
Mas não esqueço do
senhor Rael.
Eu vou falar assim, vou
dizer pra vocês.
Também tem a Magali,
professora de português.

Um salve para o
Jackson que tá
comandando a horta.
Nela vai ter vários
tomates e alface e
também abobrinhas.
Um salve para o
Neude, pra Sonia e
também para o Golias
(José Antônio).
E a Natali da limpeza
da escola.
E as cozinheira
também que faz mó
comida gostosa”.

A solução para o problema do aluno J. encontra-se ainda em discussão, sendo que a direção da escola vem buscando instigar a mãe a comparecer para propor algum encaminhamento em parceria. Nesse caso, levando-se em conta todo o esforço coletivo do grupo por manter a inserção, logo, também o direito à educação, que sentido teria o afeto manifestado por J. à escola e seu grupo através de uma poesia? Além do mais, estaria o aluno tentando nos dizer que não existe a última vez? Que se faz necessário recomeçar sempre?

A outra ciência que não é da Tia Louca....

Era dia de estágio. Como toda semana, eu continuaria com meu projeto envolvendo ciências com os alunos do 5º ano. Minhas atividades estavam agradando alunos e professores, que me achavam “meio estranha” por conta do que eu propunha e me apelidaram de “Tia Louca”...

Quando entrei na sala de aula, os alunos já estavam organizando as cadeiras em roda. Eles sabiam que sempre inicio minhas atividades com a tradicional roda de conversa e, a pedido deles, não mais faríamos no chão (“dói a bunda e as pernas, Prô”), mas nas cadeiras.

Quando todos já estávamos acomodados e os alunos esperavam que eu falasse, Chris se manifestou:

“- Prô, preciso muito tirar uma dúvida que não sai da minha cabeça. Será que você pode me ajudar? Não tem nada a ver com esta ciência que você faz aqui com a gente, mas é de outra ciência”.

Animada com a fala do Chris, pedi que ele colocasse a dúvida para que eu e os colegas da sala pudéssemos tentar esclarecê-la.

“- Sabe Prô, eu não entendo como o sol se apaga para ficar noite e de que forma ele se acende de novo para voltar a ser dia. Como o fogo chega lá?”

Ao colocar a sua dúvida, Chris falava com um ar de entusiasmo, demonstrando interesse mesmo naquilo que perguntava. Algumas crianças até riram do como ele

* Professora Dra em Química da Secretaria da Educação do Estado de São Paulo. Graduada da FE/UNICAMP. Email: julitterra@gmail.com

falou, pois parecia que se tratava de algo “extremamente sério”. E talvez fosse...

Então, eu perguntei para os alunos se alguém saberia explicar a pergunta do Chris.

“- Eu acho que o sol não se apaga nunca, Tia Louca. É a Terra que roda e parece que o sol se apaga, mas ele não apaga”, disse o Vi.

“- Agora fiquei confusa, Tia Louca. O sol é feito de fogo?” perguntou Lo.

Pegando um globo terrestre que ficava exposto em cima do armário da sala de aula, perguntei se eles sabiam do que se tratava. Todos disseram que era o planeta Terra.

Disse para eles que era uma representação do planeta Terra, ou “será que o nosso planeta era tão pequeno daquele jeito que poderíamos pegá-lo com a mão?” Todos riram da minha pergunta.

Então, aproximei o globo perto do Vi, que estava sentado ao meu lado, e disse para a sala que o Vi seria o sol. Perguntei aos alunos qual a parte do globo que estava recebendo o calor do sol. Em função da posição em que estava o globo, alguns disseram que no Brasil tinha sol.

E, apontando para o lado oposto do globo, na região do Japão, perguntei se ali chegava o sol. Neste momento, o Chris respondeu:

“- Entendi, ali não tem sol, né, Prô? A Terra faz sombra.”

Dizendo que ele estava com a razão, girei o globo de maneira que o Japão ficasse próximo ao nosso sol (Vi).

“- E agora, Chris, quem recebe o calor do sol?”, perguntei ao entusiasmado questionador.

“- Agora não tem sol no Brasil, Prô. Mas tem do outro lado.”

Expliquei que era a Terra que rodava em torno de si e do sol. Eu disse que quando estamos longe do sol temos a impressão que ele se apagou porque não conseguimos mais sentir seu calor ou ver sua luz.

“- Mas, Prô, o sol é ou não é feito de fogo?” questionou Lo novamente.

Eu perguntei para a turma se tudo que é quente ou queima necessariamente tem que ser de fogo. A resposta geral foi que sim.

Então, eu disse a eles que quando a gente está com febre, o nosso corpo esquenta muito, mas que a gente não “pega fogo”.

“- É mais ou menos isso que acontece com o sol” expliquei para os alunos. “O sol é composto por várias substâncias que liberam calor. O calor que elas liberam é tão alto que temos a sensação de fogo, mas não é fogo.”

“- Então, Prô, quando estas substâncias acabarem, aí sim o sol se apagará?” perguntou Chris.

“- Isso mesmo”, respondi, “quando estas substâncias acabarem, o sol não vai mais liberar calor. Alguns cientistas estudam quando isso vai acontecer e, segundo eles, vai demorar milhões de anos.”

“- Que bom, né, Prô? Deve ser muito frio viver sem sol”, concluiu Chris.

Pipocando histórias...

Sou professora de história em uma escola pública do município de São Gonçalo, cidade vizinha ao Rio de Janeiro, e em meio aos muitos desafios vividos naquele espaço, sentia-me cada vez instigada a produzir com os/as alunos/as um novo sentido para o conhecimento estudado e produzido.

Não sabia por onde começar, nem o que fazer, mas sabia que as aulas de história precisavam de sentido para mim e “minhas” turmas. Em uma conversa com uma aluna na hora da saída, ela me disse que seus avôs haviam estudado naquela escola, tal como seus pais. Curiosa como sempre, perguntei o que este dado significava para ela. Alegrementemente me respondeu:

- Sinto orgulho desta história!

Dirigi-me para outra turma bem pensativa sobre a resposta recebida, e aos poucos fui elaborando uma proposta de pesquisa a partir das narrativas de alunos/as egressos daquela instituição. Um trabalho a partir da investigação sobre as histórias escolares de “conhecidos”, familiares, amigos que em algum momento da sua trajetória escolar frequentou os bancos escolares da instituição.

Apresentei a proposta às turmas 903 e 904, e alguns alunos/as demonstraram interesse, e chamamos de

* Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Professora do Colégio Estadual Trasilbo Filgueiras.

histórias do C. E. Trasilbo Filgueiras. Um deles respondeu:

- Ah, isso é muito fácil! Lá em casa acho que todo mundo estudou aqui!!

Fui aos poucos recebendo o material pesquisado. A escola que trabalho tem quase cinquenta anos, e localiza-se em um bairro periférico chamado Jardim Catarina, sendo a primeira escola deste bairro.

Organizei uma data para entrega final e apresentação do material. Alguns alunos se empolgaram em produzir um vídeo com algumas entrevistas a seus familiares, mas acabou não acontecendo. Outros que pouco falaram, surpreenderam-me com suas pesquisas, relevando as muitas nuances da ação pedagógica.

No entanto, percebi claramente o envolvimento das turmas na produção da pesquisa, e na apresentação da mesma. Falar do trabalho, das histórias dos familiares e amigos/as parecia uma forma de falar de si mesmo, ou melhor, era *um possível acerto de contas com o passado*.

Não faltaram histórias naquelas salas... não mais as histórias do livro didático, mas histórias "reais" ouvidas pelos/as alunos/as.

As histórias pipocaram: primos que ali estudaram, professores que na memória de muitos ficaram, a construção das novas salas contada nas lembranças que insistem em permanecer, e tantas outras narrativas.

Houve produção de fichas com entrevistas e de pequenos livros, trago abaixo alguns:



O estourar das histórias a partir deste movimento inicial de pesquisa trouxe para mim alguns aprendizados como docente: os espaços podem transformam-se em *lugares de pertencimento* (PARK, 2001); o passado “deseja” proximidade com o presente e o exercício de produção do conhecimento gera aprendizado... Não é isso que desejamos como professores?

Crianças são mesmo fantásticas!

Quando eu ainda era uma professora que achava que sabia tudo, e tudo mais, tive vários alunos fantásticos. Crianças criativas, curiosas... fantásticas.

Um deles um dia me ensinou que sua curiosidade era muito mais que fantástica. Era transformadora.

Eu trabalhava naquele ano com uma turma de Educação Infantil, com crianças de 4 e 5 anos de idade. Empolgada com as 'novidades' que lia e ouvia, sempre levava para o meu trabalho novas possibilidades de fazer melhor. Assim, naquele ano eu resolvi trabalhar com os tais gêneros textuais dos quais ainda começava a ouvir falar. Para ensinar cada letra do alfabeto, comecei a usar músicas que as crianças sabiam de cor. Todos aprendiam e tudo estava bem.

Certo dia, resolvi mudar. Não usei uma música. Para ensinar a letra G e seus sons, usei a receita da gelatina. Foi o máximo. Receita pronta e muitas gelatinas espalhadas pela sala depois, lá ficou na parede o cartaz da receita da gelatina com uma caixa vazia do produto colada nele.

Naquele dia, um aluno não havia ido à aula. No dia seguinte, lá estava ele e, imediatamente ao chegar à sala, já deu por conta da novidade! Nova letra, novo cartaz!! Sem pestanejar, o menino me pede: "Tia, me ensina a música da gelatina?"

* Mestre em Educação pela Faculdade de Formação de Professores da UERJ. Professora do Colégio Pedro II.

Naquele momento, era como se aquela frase tivesse o poder de me descortinar para mim mesma. Não, eu não sabia tudo. Não sabia que muitas vezes as crianças podem nos mostrar que nossos saberes sobre elas e sobre o mundo também passam por elas. Que elas buscam em nossos caminhos sentidos que, ainda não percebemos, talvez não estivessem ali.

Crianças são mesmo fantásticas!

Então me abraça forte... – e o poder da música

Cagab sempre chega feliz, agitado, pulando, agarrando os colegas, vai ao banheiro, bebe água, não pára um minuto.

Nesta semana, na segunda, chegou contando que os pais haviam brigado. A mãe brigou com o pai porque ele ficou muito no bar. Contou que depois se acertaram.

Na quinta, chega quieto. Pendura a mochila e vira uma estátua no meio da sala, olhando o além, com os olhos cheios de lágrimas.

Chego, converso, brinco, chamo para o lanche. Ele vai... aquele olhar inconformado continua...

Quando chega no refeitório, não quer entrar na fila, senta no banco do lado. E ali, quietinho, deixa as lágrimas rolarem. E chora, as lágrimas escorrem, mas é um choro quieto, contido.

Sentei ao lado dele, perguntei o que estava acontecendo. Ele só dizia que queria a mãe dele. Expliquei tudo o que se tem pra explicar sobre as mães e a escola. E ele só dizia que queria a mãe dele, como um mantra. Era um choro tão triste, tão sofrido, que eu tive que me segurar pra não chorar junto. Será que devia ter chorado? Não sei. Continuei sentada ao lado dele, perguntei se podia abraçá-lo, depois se podia pegá-lo no colo. E

* Professora de Educação Infantil desde 2004. Atualmente na Prefeitura Municipal de Campinas - SP. Formada em Pedagogia pela FE/Unicamp. Email: ricarteli@gmail.com. Blog:<http://meajudaaolhar.wordpress.com>

ficamos ali, abraçados um tempinho. Ele foi parando de chorar. Mas continuava olhando para o nada.

Quando voltamos pra sala, peguei o rádio e fui pra roda. Falei para a turma que ele estava triste e que iríamos ouvir umas músicas para alegrá-lo. E fomos ouvindo as nossas preferidas: A casa, O pato, Sítio do Picapau Amarelo. Depois ouvimos umas novas, como Bicharia dos Saltimbancos, A Cuca te pega. A tristeza foi passando. Aos poucos ele foi se soltando. Quando percebi ele estava no meio da roda rodopiando, como sempre faz. Terminamos nossa sessão musical e ele estava feliz de novo.

E fiquei sem saber o que havia acontecido.

O mistério das luzes e sombras...

Há algum tempo venho experimentando junto aos bebês brincadeiras com luzes e sombras...

Brincadeiras que vem ganhando tons e cores vibrantes entre gritinhos e sentimentos que só os bebês sabem demonstrar com tanta intensidade...

Estávamos usando o retroprojetor, algumas transparências de pinturas brasileiras, e silhuetas de animais, pessoas e uma casa.

Assim que ligamos a luz, com a parede ainda iluminada de branco, movimentei minha mão sobre o projetor simulando o andar de um animal e a Vitória, que estava próxima à parede, sem emitir nenhum som, assustou-se ao visualizar a silhueta e saiu correndo e se escondeu atrás da porta.

Tentei de várias formas convidá-la a voltar, mostrei novamente o movimento de minha mão e, de onde ela estava, conseguia também visualizar o retro e o que eu estava fazendo. Cada vez que ela visualizava a silhueta da minha mão, ela se escondia novamente...

Demos continuidade à brincadeira esperando que ela ao ver outras possibilidades de luz e sombras pudesse voltar a se interessar pelo funcionamento da engenhoca,

* Professora na educação infantil desde 1994. Atualmente na Prefeitura Municipal de Campinas. Especialização Em educação infantil pela Unicamp. E-mail :lumsalado@gmail.com.

mas ela simplesmente continuava escondida atrás da porta.

Colocamos uma pintura de Tarsila do Amaral e a silhueta de uma criança. Uma divertida brincadeira de pega-pega se iniciou. Movimentava o personagem e eles corriam de um lado para outro tentando tocar a escuridão! Fazia a silhueta desaparecer e as reações foram surpreendentes. Ana Laura (1 ano e 5 meses) inclinava seu corpo na tentativa de espiar o que havia atrás da imagem. Pedro já incluído na tecnologia tocava a tela como se utilizasse um aparelho com tecnologia touch, movimentando as mãos lateralmente como se arrastasse a tela, e tocando os detalhes da projeção como se fosse botão.

Finalmente consegui convencer Vitória de sair de trás da porta, oferecendo um colinho gostoso para ela não ficar tão assustada! Coloquei a mão dela sobre o retro, mostrando sua silhueta na projeção. Ela olhou para mim e sorriu um sorriso de alívio! Então mostrei novamente o movimento que havia feito com minha mão e ela conseguiu desvendar a mágica. Desceu de meu colo e colocou-se a brincar com as outras crianças pequeninas, tentando pegar as silhuetas fugitivas!

Lucianna Magri de Melo Munhoz*

Pipoca triste

Há alguns anos ofereço curso de formação continuada para professores de Educação Infantil das redes públicas municipais da região de Campinas, e percebo que a cada ano, aumenta a participação de educadores que trabalham com crianças de 0 a 3 anos. Sinto em suas falas, o quanto esses profissionais estão desesperados com a dura realidade que enfrentam todos os dias: turmas superlotadas, espaços inadequados, falta de pessoal de apoio e ordens e mais ordens judiciais chegando... O que fazer?

Ouçó frequentemente que os adultos que trabalham nas creches não estão mais suportando tais condições insalubres e que muitos adoecem e acabam se afastando. E, para piorar, também ouço que falta pessoal para as substituições... O que fazer?

Mães e pais que são interrompidos em suas jornadas de trabalhos, pois não há funcionários para o turno da tarde... O que fazer?

Não há em forma de lei no Brasil um número máximo de crianças por adultos em creches, mas sim recomendações. Ora, recomendações seguem quem tem condições de segui-las, não é mesmo?... O que fazer?

* Formadora de professores da Educação Infantil e professora dos cursos de pós-graduação em Psicopedagogia e Educação Infantil da UNISAL (Campinas). Mestre em Educação FE/UNICAMP. Email: luciannamagri@hotmail.com

De tudo o que eu ouvi, o que mais me doeu foram as “dores” dos bebês. Foi duro ouvir o triste relato de uma professora, que nos contou que ao entregar o bebê à mãe, percebeu que ele estava com a fralda suja... Não havia dado tempo de trocá-lo nenhuma vez... O que fazer quando se tem trinta e três bebês e dois adultos?

Doeu saber que nem as condições mínimas de cuidados estão sendo respeitadas. Mas doeu mesmo, foi saber que durante o dia todo, esse bebê não havia sido pego no colo nenhuma vez, e que ninguém, durante um dia inteiro, teve tempo de olhar em seus olhos... O que fazer?

Marciene Aparecida Santos Reis*

Rascunho

Naquela manhã, a proposta de atividade para os alunos solicitava a representação do espaço rural em folha sulfite.

Realizo a explicação para a sala, e a partir das características ditas pelas crianças do que compõe o espaço rural, faço um “rascunho” da folha sulfite na lousa.

Desenho um retângulo (com linhas não tão retas) e conforme traçava, dizia o que estava fazendo:

– Com capricho, traço a margem e pinto bem bonito, sem deixar espaço em branco e sempre pintando na mesma posição. Agora, coloco meu nome na margem inferior. A vegetação ficará nesta parte da minha folha, desenhada com muitos detalhes, aqui as plantações, desse lado as ovelhas, uma cerca e também uma casa, tudo desenhado com muita atenção.

Conforme exemplificava na lousa, ouvia alguns murmurinhos:

– Está meio esquisito esse desenho...

* * Doutoranda em Educação pela Universidade Estadual de Campinas, cursou mestrado em Educação na área de Psicologia Educacional pela Universidade Estadual de Campinas (2013), especialização em Pedagogia Empresarial (2010) pela Veris IBTA Metrocamp e graduação em Pedagogia pela Universidade Estadual de Campinas (2009). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada, GEPEC/FE/Unicamp. Atualmente é professora do ensino fundamental e da educação superior à distância.

– Não fale assim da professora, você gostaria que alguém falasse isso do seu desenho?

– A ovelha parece uma nuvem com palitos!

– Ninguém vai entrar nessa casa, né?

– Professora, é para fazer igual ao seu?

Olho para a lousa e depois volto-me para as crianças e digo:

– Vocês entenderam a proposta, certo? Então caprichem no desenho de vocês... O que fiz na lousa é só um rascunho!

Ao circular pela sala e ver as produções das crianças, percebo que não deveria ter pegado o giz...

Maria Ângela de Melo Pinheiro*

Mandalas Juninas

Voltei pra escola depois de uma licença médica. Apesar de ter ficado um substituto em meu lugar, voltei apreensiva, querendo retomar o trabalho e os conteúdos de minha disciplina, Língua Portuguesa.

No entanto, a festa junina seria dali a alguns dias, não poderia deixar passar em branco os preparativos para a festa. Sempre gostei de me envolver nos e(in)ventos da escola.

Preparei as cópias de umas três ou quatro mandalas juninas – mandalas compostas por bandeirinhas, balões e fogueiras, pesquisadas na Internet – e as levei para a sala de aula. A proposta era que cada um pintasse a sua e depois montássemos painéis para enfeitar a escola.

Não era a primeira vez que trabalhava com mandalas, já havia tido algumas outras experiências. Elas ficam lindas, bem coloridas, cada uma em um estilo diferente, as pessoas gostam de mostrar a sua e apreciar a dos outros também. Momentos de muita troca e envolvimento. Depois a montagem dos painéis e cada um identificando a(s) sua(s) e as dos colegas, com alegria e satisfação.

Ao sair de uma das salas, na troca de aulas, cheia de materiais nas mãos, ajudada por alguns alunos e toda orgulhosa com o resultado, uma colega professora:

* Professora aposentada, tendo trabalhado em escolas públicas por 27 anos. Graduada em Letras pela PUCCamp e Mestre em Educação pela FE/UNICAMP. Email: mariapinheiro.2005@uol.com.br

- Sei o quanto este trabalho é importante, mas eu não consigo...

- Como assim? - Eu indago.

- Tenho uma preocupação muito grande com o conteúdo, é como se eu tivesse “matando aula”.

- Mas olha como estão ficando lindas! – Respondi.

Não pude alongar a conversa, outra turma de alunos já me esperava. Mas fiquei a pensar: Quantas questões não estavam sendo trabalhadas ali naquelas aulas... valores, talentos, criatividade... autoestima, valorização do trabalho do outro, envolvimento com a escola... Não é pouca coisa não... Além de ser uma ótima maneira de estreitar os laços com nossos adolescentes...

Abraçando as diferenças

Chegou à escola onde fui coordenadora, na classe de primeiro ano, o aluno que chamarei de Pequeno E.

Pois o pequeno E chegou, pobre, negro, franzino, com cílios alongadíssimos ornamentando os olhos negros grandes e brilhantes. Pezinhos sujos em suas sandálias encardidas; quarto filho de uma família de oito filhos que dividiam o mesmo colchão, casa que tinha como fogão tijolos no chão. Pequeno E, apesar de toda adversidade, mantinha sempre um olhar que sorria. Hipótese de escrita inicial era pré-silábica e em um mês escrita alfabética, em três meses lendo e escrevendo tudo. Passeava pelo intervalo e recreio com livrinhos de histórias evangélicas e lia para todos que passavam: merendeiras, inspetores, professores e direção. Todos se encantavam com o progresso e desempenho do pequeno E. Em todas as áreas se destacava; era convidado para todas as peças de teatro e, sem surpresa alguma, era sempre o personagem principal. Decorava suas falas e a de seus amigos também e, por vezes, sussurrava as falas para seus colegas que houvessem esquecido o que dizer na tentativa de fazer com que recobrassem o texto. Brillhou no primeiro ano e era o melhor aluno da classe, sua professora o amava e se orgulhava de tê-lo em sua turma. Seus colegas de classe o respeitavam e era querido por todos. No recreio quando

* Professora coordenadora da E.E Conjunto Vida Nova III. Pedagoga e Psicopedagoga. Atuação na formação de profissionais da educação. Email: mtcmoraes@gmail.com

algum aluno de outra classe dizia que ele parecia menininha brincando, lá vinham seus colegas de classe; colocavam as mãos em seus ombros o apoiando e tiravam-no de perto do agressor, cuidando, protegendo-o.

Mesmo não estando frio, eventualmente vinha com um cachecol rosa ou roxo que circundava seu pescoço e, de vez em quando, jogava as pontas por cima dos ombros.

No ano seguinte, provavelmente seria um sucesso!!.. Será? Não, não foi! O pequeno E desapareceu! Não entrou mais em cena! Não tinha mais voz!

A professora, após ser questionada sobre a causa do pequeno E, que era ótimo aluno, não ter mais o mesmo desempenho e ser solicitado a ela que deveria observar o que estava acontecendo, disse que sabia exatamente o motivo. Segundo ela, E era insuportável, só ele queria falar e fazer as coisas, que ela se irritava com o fato dele andar rebolando, falar e querer só brincar com as meninas; que ela o havia colocado no lugar dele.

Tive uma conversa com a professora, que ao invés de fortalecer esse pequeno quase o destruiu. Mudamos o pequeno E de classe, pois ela não merecia aquela joia.

No mesmo dia, fui informada que Pequeno E estava chorando na hora do recreio e que por mais que se perguntasse não queria contar. Chamei-o até minha sala e comecei a conversar com ele que, em lágrimas, me disse:

- Sabe o que é? As pessoas querem que eu fale e ande de outro jeito, que eu seja diferente, mas eu só sei ser assim!!

Tentei conter as lágrimas que brotaram em meus olhos, o nó que se formou em minha garganta e abracei-o. A partir daquele dia decidi nunca mais permitir que

ninguém fosse insensível a ponto de esquecer que não podemos forçar alguém a ser o que não é e, obviamente, a respeitar a diversidade.

Antes de ele sair, lhe disse:

- Seja você, meu querido! Não se esforce para provar nada a ninguém. Todos nessa escola te amam e te ajudarão a ser forte para quando sair daqui! Quando precisar, me procure.

Michelle Guidi Gargantini Presta*

Miojo ou Pamonha?

Atuo como professora coordenadora pedagógica de uma escola de educação infantil e sempre que tenho a oportunidade promovo nas reuniões momentos de reflexão sobre a prática pedagógica, e esse dia foi um deles. A reunião coletiva (HTPC) começou com todos em roda para darmos início à conversa, a pergunta lançada foi: MIOJO OU PAMONHA? As respostas foram relacionadas às preferências pessoais de cada professora, a pamonha foi citada pelo sabor e pelas vivências familiares e o miojo pela praticidade, apesar do baixo valor nutricional.

A próxima pergunta foi relacionada ao tempo de preparo, uma professora explicou em poucos segundos o modo de fazer do miojo: em água fervente despeje o macarrão, coloque o tempero e em 3 minutos está pronto, pode ser consumido com ou sem o caldo.

Depois foi a vez da pamonha, e então a conversa foi outra, uma professora começou o relato e logo foi seguida por outras, o papo foi desde a colheita do milho que necessita da ajuda de muitas pessoas, do balaio para carregar, até chegar no formato de todos em roda para tirar a palha e os fiapos. E como em nossa cidade tem tradição em plantação de milho, muitas lembranças

* Professora Coordenadora Pedagógica da Prefeitura Municipal de Monte Mor. Mestre em Educação FE-UNICAMP. e-mail: prestamichelle@gmail.com

vieram à tona, rememorando momentos importantes em família, de trabalho e descontração também.

Com as espigas limpas, as crianças eram convocadas para arrumar as palhas onde a pamonha é embrulhada, enquanto os adultos, mais comumente as mulheres, iam ralar as espigas. Houve até explicação de como era confeccionado o ralador. Depois de ralado, o milho vai para o fogo pra engrossar um pouco e ser colocado novamente na palha em forma de trouxinhas, para então cozinhar lentamente no tacho.

Após essa construção coletiva das receitas, lancei novamente uma pergunta: e o seu planejamento é miojo ou pamonha? Antes de voltar o papo houve um silêncio, penso eu que reflexivo, e logo o grupo começou a constatar que tem planejamento dos dois jeitos, tem semana que ele é feito rapidamente para cumprir o protocolo e tem semana que é feito mais elaborado, objetivando uma construção coletiva entre os pares e com os alunos. O plano miojo causa euforia nas crianças no primeiro momento, mas logo faz a digestão e estão com fome de novo. Já a pamonha recebe mais elogios no banquete da sala de aula, pode ser consumida vagarosamente, doce ou salgada, os alunos fazem e saboreiam com prazer e ficam com gostinho de quero mais.

Como esses saberes múltiplos são importantes à prática pedagógica, assim como a pamonha o planejamento precisa ser construído por muitas mãos e muitos olhares. Fazendo da reflexão um ato constante, sobre o que foi feito e para planejar o que virá. O instantâneo é mais rápido, mas pode conter poucos nutrientes, poucos saberes, poucas experiências. Professor

e aluno carregam na memória os olhares, as interpretações e as vivências adquiridas ao longo dos anos, e essa troca faz da prática pedagógica uma busca constante por momentos repletos de significados.

Proibida para maiores!

Como avaliação final de ciências, solicitei que meus alunos, do quinto ano do Ensino Fundamental, em grupos, reproduzissem o bebê em cada mês de gestação em massinha de modelar. Cada grupo ficou responsável por um mês desse ciclo da vida. O trabalho deveria ser realizado no final de semana pelos grupos e o “produto final” teria que ser entregue na terça-feira.

Na segunda-feira quando chego na sala de aula os alunos estão alvoroçados, rindo muito. Curiosa que sou, quis logo saber do que se tratava tamanho alvoroço. “Isalinda” se aproximou e então me contou tudo, nos mínimos detalhes:

- “Sora”, a senhora pediu para fazermos os bebês no final de semana. Bom, eu “tô” no grupo do “Gabrigato” e marquei com ele de fazermos o trabalho na casa dele, pois lá tem mais espaço. Chegou sábado, pedi para o meu pai me levar lá.

E iniciou o diálogo que teve com seu pai:

- Pai, Pai, eu preciso ir na casa do “Gabrigato”.

- O que vocês vão fazer lá? – interroga o pai, querendo saber o motivo da visita.

- Nós vamos fazer um bebê! – Responde empolgada a menina.

*Licenciatura em Pedagogia UNESP/RC. Professora efetiva da rede municipal de Rio Claro desde 2013. Mestre em Educação UNESP/RC. Doutoranda do Programa de Pós Graduação em Educação UNESP/RC. e-mail: cassaopa@gmail.com.

Diante da revelação, o pai (que não sabia do trabalho da escola) desesperou-se com o que havia acabado de ouvir e, muito bravo repreendeu “Isalinda”:

- Você está ficando louca, menina?! Como me diz uma coisa dessas assim?!

A menina, sem entender a reação do pai, tenta argumentar:

- Mas, pai, foi a professora quem mandou a gente fazer um bebê, e eu não consigo fazer sozinha, né? Por acaso o senhor sabe fazer um bebê sozinho? Preciso do “Gabrigato” para me ajudar a fazer! Nós dois juntos, no quarto dele, dá para fazer um bebê rapidinho!

O pai sentiu a vista turva e precisou ser amparado pela mãe da menina, que rapidamente deu conta de desfazer o mal-entendido. Resumindo: O bebê (de massinha) ficou pronto e o pai da menina passa bem.



Primeiro dia de aula de João

João chega para seu primeiro dia na escola! Fui recebê-lo na porta da sala com um largo sorriso no rosto pensando que isso já o conquistaria. Engano meu! Muito quieto, se escondendo atrás dos pais, olhou desconfiado e já fez um sinal negativo com a cabeça.

Tentei iniciar um diálogo com ele.

- Oi, João, meu nome é Patrícia, eu sou a professora da turma! Que bom que você veio para o nosso grupo! Vamos entrar e conhecer seus colegas?

Ele se escondeu mais ainda atrás da mãe. Tentei mais uma vez!

- Vamos conhecer a turma!

Neste momento chega o aluno José e diz:

- Patrícia, o que está acontecendo?

- Este é o João, hoje é o seu primeiro dia na escola e ele não quer entrar na sala!

- Você quer que eu ajude?

- Sim, José!

Na mesma hora José chegou perto do João e disse:

- João, eu sou o José e vou mostrar a escola prá você!
Você quer?

Imediatamente João fez um sinal que sim e olhou para os pais como se dissesse para eles irem juntos. Os pais

* Especialista em Psicopedagogia, Pedagoga e Professora Efetiva de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Campinas e Professora Efetiva de Jovens e Adultos na Fundação Municipal de Educação Comunitária (FUMEC), SP, Brasil.

olharam prá mim e eu fiz um sinal de positivo. José pegou a mão de João e o levou para conhecer os espaços da escola. Não consegui ouvir toda a conversa, pois tive que ficar com o restante da turma, mas ouvi algumas falas do José.

- Olha, João, aqui fica a biblioteca onde ficam os livros e podemos levar livro prá casa também!

- Aqui fica o banheiro dos meninos e este aqui é das meninas!

- Vem comigo que eu vou te mostrar a parede de azulejo e o parque!

Neste momento não presenciei mais a conversa.

Aquela atitude do José que, inicialmente, havia me surpreendido, agora me trazia uma tranquilidade, tinha certeza que ele teria sucesso com sua atitude.

Entrei para a sala e sentei com as crianças para iniciarmos a nossa roda.

Passado uns cinco minutos, chegam José, João e os pais. José senta na roda e convida João para sentar ao seu lado. João abriu um sorriso e sentou!

Seus pais olharam para mim com um sorriso e disseram:

- João, nós vamos embora!

- Tchau! - disse João

A partir deste dia, João entrou na escola sozinho!

Patrick Pereira*
Caroline Pardim Pellizari**

Diversas ciências... mundo(s) diverso(s)?

Estava refletindo com o 2º ano do ensino médio sobre o trabalho em equipe. Foram várias aulas de discussões, reflexões, apresentações de trabalho, etc. Para fechar o assunto, entreguei um texto[†] base que trata dos conceitos de multi, inter e transdisciplinaridade para leitura. Com o objetivo de identificar o que foi construído com os alunos durante essas aulas, passei como fechamento uma atividade individual para ser feita em casa. Como é mais fácil pensar em uma equipe com profissionais diversos no contexto da saúde, direcionei as perguntas para essa área, e umas das questões era:

“Você prefere ser atendido(a) por uma equipe multidisciplinar, interdisciplinar ou transdisciplinar? Por quê?”

Obtive diversas respostas, assim como são diversos os meus alunos. Porém, sabemos que algumas pessoas não se contentam em “pensar dentro da caixa”, e saem

*Psicólogo e orientador profissional

** Aluna do 2º ano do ensino médio

*** O texto que foi entregue de forma resumida aos alunos se refere à:
Lucinéia Bicalho & Marlene de Oliveira. A teoria e a prática da interdisciplinaridade em Ciência da Informação. **Perspect. ciênc. Inf.** Vol.16 no.3 Belo Horizonte Jul/Set. 2011. Disponível em: http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-99362011000300004&lng=en&nrm=iso&tlng=pt. Acesso em 23 abr. 2015.

corajosamente. Uma dessas pessoas é minha aluna Carol, coautora desse capítulo, que, saindo do campo da saúde e se aventurando pelo da educação, deu a seguinte resposta:

Eu escolheria a transdisciplinaridade, pois acredito que com o acúmulo de disciplinas e surgimento de novos campos de estudo, o aluno acaba recebendo um amontoado de conhecimentos, do qual na maioria das vezes lhe traz dificuldade de dominá-los na sua totalidade, distorcendo por fim, o próprio conhecer, pois tem consigo que as matérias escolares são únicas e sem relação. Trazendo uma distorção da realidade com a educação.

Creio que se os professores trouxessem que os conhecimentos estão ligados entre si nas mesmas realidades e constituíssem projetos coletivamente, o aluno conseguiria observar que é preciso dialogar, trazendo diferentes realidades, e tratar as desigualdades sem diminuir os desiguais.

O conhecimento para mim é parte de um conjunto que deve tratar seus saberes, não como se fossem únicos e sem relação, mas sim como aspectos diferentes da mesma realidade.

Essa resposta me gerou uma dúvida: se os alunos percebem que o conhecimento ensinado nas escolas (será que só nas escolas?) deve ser aproximado da realidade, o que falta aos professores para convidarem os estudantes para um tour no mundo real interpretando-o com o auxílio da ciência?

Cor de pele?

A "Noite Estrelada" de Van Gogh e o estudo de sua técnica, uso da cor e poética são ofuscados por um debate primordial para os alunos do 4º ano:

- C., me empresta o cor de pele? - solicita S. com a meiguice que lhe é peculiar.

- É rosa claro, S.!

- É cor de pele! Ela sempre fala que é rosa claro, mas é de pele! - M. rebate.

- Não é todo mundo que tem essa cor de pele - L. se mostra atenta ao papo.

Alguns que estavam ligados na conversa prontamente já olham para uma parte do corpo para verificar.

- Pra mim é cor de pele ou salmão. - M. insiste.

- Isso! É salmão.

C. mostra a inscrição no lápis que diz: "rosa claro/rosa pálido"

- Mas não estamos falando do lápis, estamos falando da canetinha. - M. faz o clima esquentar.

Vejo que é o momento de cutucar e questiono:

- Mas quem tem exatamente essa cor de pele?

- Ninguém é rosa, nem rosa claro, nem rosa pálido. - retruca A. lá do fundo da sala.

- Eu não concordo - grita alguém lá do outro lado.

* Artista plástico e professor de Arte na EMEF Angela Cury Zákia, Prefeitura Municipal de Campinas. Email: prof.capone@gmail.com

- Ninguém no mundo tem essa cor! - L. concorda com A.

Então, mais uma vez eu os intrigo:

- Só se a gente chamar de "cor de pele de salmão", o que acham?

- O que é salmão?- Nem consegui identificar o aluno que mandou essa.

- Um peixe! - responde outro.

- Um peixe rosa?

S. nesse momento até coça a cabeça.

- Vocês nunca viram um salmão? A pele dele é cinza! - A. sempre objetivo.

- Não to entendendo mais nada! - S. para de coçar a cabeça, dá as costas e senta.

- Não tem o que entender, a Faber Castel que fabrica tinta já escreveu o nome da cor no lápis! Professor, por que está deixando eles discutirem tanto? - C. volta a conversa insistindo que o que está escrito, está escrito! e reprova minha inércia.

Eu devolvo:

- Porque estou tentando entender o que significa "cor de pele" pra vocês.

- Depende da pele - A. sintetiza toda a discussão.

- É! - Finalmente concordam C., L. e M.

Eu:

- S., e você?

- Nem sei, vou usar a cor de... esse aqui!!!

“Macumba é coisa do demônio, tio!”

Em um dos dias de aula com minhas turmas de quarto ano do ensino fundamental de uma Escola Municipal situada no município de Niterói, surgiu uma questão que achei importante tratar: a “macumba”. Tal temática apareceu quando um colega, outro professor de música, tocava tambor com sua turma e a reação do grupo que estava comigo foi a de falar que aquilo, em um sentido que me parecia muito pejorativo, era “macumba”.

A partir dessa situação, senti a necessidade de me aproximar do entendimento que aquelas crianças tinham por macumba. Parei imediatamente de fazer o que já não me lembro mais para, então, escutar o que era macumba para elas.

Com uma maioria de estudantes, além de negros, evangélicos das mais variadas ordenações neopentecostais, recebi muitas respostas impregnadas de preconceito: macumba, para a grande maioria, era uma religião ligada ao “demônio, ao coisa-ruim”, da qual não se deve nem falar. Ao mesmo tempo, porém, as crianças diziam que macumba também era “despachos deixados nas ruas para fazer mal às pessoas”, “é coisa de macumbeiro”, “coisa da pomba-gira”, “coisa do Exu”.

* Integrante da *Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad). Professor de Música do Programa Aprendiz na cidade de Niterói (RJ). Mestrando em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO. desouza.rafaelf@gmail.com

No movimento de escuta criado na conversa, as crianças mesmas puderam perceber, a partir de tantas ideias apresentadas sobre macumba, que, talvez, elas pudessem não saber o que significava aquela palavra. A partir disso, retomando falas dos próprios estudantes, fui provocando-os a repensar suas visões colocando perguntas como: “será que a macumba é ruim mesmo?”, “se ela é uma religião, eles ‘que são da macumba’ têm um Deus?”, “será que existe alguma religião com um Deus que permitiria tantas maldades?”.

Com indagações como essas, as crianças começaram a sentir a fragilidade daquilo que atribuíam à macumba e, então, outras falas apareceram. Alunos começaram a falar de avós que já tinham sido da macumba, ou de familiares que ainda frequentavam terreiros de umbanda, mas que não eram más pessoas...

Então, pude começar a trazer informações outras sobre a macumba. Comecei falando que, na verdade, o que acontece é que as pessoas tendem a chamar a Umbanda e o Candomblé, de forma genérica, de macumba. Dividi, também, um pouco do meu pequeno conhecimento sobre essas religiões, dizendo que são diferentes do catolicismo ou do protestantismo, mas não piores. Falei que, nelas, os “orixás” são como os Santos da Igreja Católica, são como espíritos que aproximam as pessoas de Deus, que cada um desses orixás tem suas características e costumam representar algo da natureza e um tipo de personalidade, mas que, principalmente, o Candomblé e a Umbanda são religiões que pregam o amor e o respeito à natureza.

Expondo, também, o fato de estas religiões serem de matriz negra/africana, perguntei à turma o que eles

sabiam sobre a África. Alguns disseram que o continente africano era um lugar onde há muitos animais e de onde foram trazidos os negros para serem escravizados no Brasil. Pude perceber, então, que as crianças, assim como eu, sabiam muito pouco das histórias e das culturas daquele continente. Terminei aquela aula perguntando se os estudantes conheciam a história de alguma princesa negra e, recebendo respostas negativas, prometi que no encontro seguinte contaria a história de uma princesa africana, tão bonita quanto as meninas da turma. Me despedi vendo muitos olhos brilhando, cheios de curiosidade.

Nos dias entre aquela aula e a próxima, e por muito tempo, senti uma “completude”, por assim dizer. Percebi que, pela primeira vez, havia me deparado com uma situação em sala de aula que me desafiava, me provocava e, principalmente, me potencializava.

Inundado, então, por aquela experiência que vinha me atravessando, procurei conhecer um pouco mais sobre a princesa, protagonista da história a qual havia prometido contar. O nome dela era Oxum. Sabia que era ela o orixá que protege a água doce, dos rios, mas que também representa a riqueza, beleza e vaidade. Estudei, pesquisei e, à minha maneira, contei uma história sobre aquela linda princesa que ia sempre nua à Lagoa lavar seu punhal de ouro, seus cabelos, seu corpo, além de esperar pelo amor que um dia haveria de chegar.

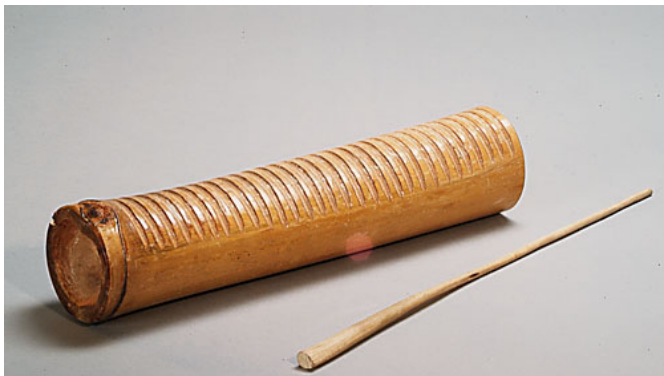
A história em si tem continuidade, mas a importância de contá-la está na beleza que traz ao retratar tempos imemoriais, que antecedem até mesmo o Cristianismo. Mostrar que a África não é só um lugar de animais, de

fome e miséria, mas também é um berço de cultura e de beleza é importante.

Pelo medo de uma possível rejeição por parte dos alunos a sequer ouvir a história, tive o cuidado de, em um primeiro momento, trazê-la como integrante da mitologia africana. No entanto, percebendo a empolgação com a mesma e a alegria das meninas negras ao poderem ver-se representadas como são, sem cabelos alisados, e ainda assim serem consideradas belas, as mais belas, como a personagem principal, senti a excitação generalizada e, no clímax da história, interrompi a contação e vislumbrei a possibilidade de fazer a ponte da história com o Candomblé.

Quando, após perguntar a opinião da turma sobre o contado até então, falei que Oxum também é uma divindade para as religiões afro-brasileiras, vi reações e ouvi comentários cheios de surpresa. De repente, aquela religião da qual mal se podia falar o nome, talvez não fosse tão má assim.

Aproveitando a receptividade e curiosidade que foram surgindo, mostrei a imagem do instrumento a seguir e perguntei se alguém conhecia aquilo.



Quem respondeu foi um dos alunos mais agitados da turma: “isso aí parece um reco-reco!”. Dei razão a ele e disse que seu nome original é macumba.

Todos ficaram surpresos em saber que aquele instrumento conhecido por eles mesmos em sua versão mais moderna, visto nos desfiles televisionados das escolas de samba durante o carnaval, era a tão temida macumba. Ouvi uma das meninas, estarrecida, perguntar: “Isso é que é macumba?!”. Ela não podia acreditar que macumba é uma coisa que não pode fazer mal a ninguém.

Pude, então, começar a fazer pontes com os conhecimentos musicais, mas o mais importante é que, de repente, a macumba poderia não ser tão má quanto imaginavam aquelas crianças. Pude também eu aprender: percebi que o *gesto mínimo* (SKLIAR, 2014) da escuta é ingrediente essencial para uma educação que produza sentido.

Rosaura Angélica Soligo*

**Todo professor mora em uma pessoa,
todo aluno mora também**

Ontem ouvi histórias de duas professoras, Tamara Pina e Cristina Campos, que em poucas horas me fizeram visitar, uma a uma, todas as escolas que me habitam. As primeiras como aluna, as outras como professora também. Comecei lá por Ururaí, a vila em que morei na infância e onde estudei com meninos e meninas da roça, em turma multisseriada até. Depois, na cidade meio grande, em uma classe só de meninas, fato inexplicável que até hoje não entendi. Daí foi a garagem da Dona Rosa, professora de Admissão, e em seguida o Barão. Mais adiante, muitas cidades além, no rumo do noroeste, foi a escola mais escola em minha vida, porque tinha o que fazer além da sala de aula, coisa melhor do mundo. Então passei pelo cursinho lá em Ribeirão – ah! Charles... ah! Praça XXV... ah!... – e por uma instituição estranha do outro lado da mesma rua. E a faculdade de psicologia enfim, tempo das paixões pulsantes e educativas, e depois a de pedagogia, morna, insossa, esquecível. Aí a primeira escola como professora, na ponta da periferia da Vila. A outra era mais adiante, onde pela primeira vez ensinei a ler, se é mesmo que ensinei. Depois a outra, já na capital, na extrema Zona Leste, lá para os lados da divisa. E a

* Professora e formadora; mestre, doutoranda e pesquisadora pelo GEPEC da Faculdade de Educação da Unicamp; coordenadora de projetos do Instituto Abaporu de Educação e Cultura. Email: rosaurasoligo@gmail.com

seguinte, numa avenida central, onde conheci a humilhação disfarçada de conselho bom: fui tratada como professorinha iludida – ô coisa ruim de aguentar. Por fim, um lugar de plena glória: virei celebridade instantânea, convidada a dar depoimento em eventos e entrevista para a tevê: de professorinha inocente para docente senhorinha de si em menos de meio ano – ô vingança boa caída no colo, sem sequer premeditar! Como era de se esperar, a visita terminou na querida e derradeira, uma deliciosa escola inventada, do jeito que tem de ser.

Foram quinze escolas somente, cada qual com uma lição ao menos. Pela ordem cronológica, para ou bem e para o mal, são estes os ensinamentos.

Receber lanchinho da nona bisa pela cerca, na hora do recreio, aos seis anos de idade, simplesmente não tem preço. Apartar meninos de meninas é uma providência esquisita que só faz aproximá-los. Copiar à exaustão redações da professora, para reproduzir de memória talvez algum belo dia, configura crime hediondo e inafiançável contra a linguagem. Uma grande escola pode ser a janela aberta para algum futuro possível. A sala de aula que nos toca, que nos forma e nos transforma quase sempre se situa da porta para bem fora. Há professores atores, que atuam em grandes palcos, para esperançosas plateias pré-vestibulares. E há lugares que não são escolas nem palcos, são fábricas tão somente. A melhor de todas as escolas é a que nos enche de encantos e paixões inesquecíveis. E a pior, com certeza, é a que não consegue provocar nenhum acontecimento digno de nota. Impossível esquecer a primeira aula que a gente dá. Sim, um aluno pode nos mandar para aquele lugar, levar um esbregue sem precedente e depois de algum tempo ficar

tudo muito bem. Só as crianças podem nos ensinar quem são e, às vezes, também quem somos. Alguns alunos nos arrastam para uma luta feroz a favor de um destino melhor para eles. Escolas inventadas e encantadas existem.

A maior de todas as lições? Ah! Uma de grande simplicidade: todo professor mora dentro de uma pessoa, todo aluno mora também e só esta consciência amorosa pode salvar a escola. É o que a vida me ensinou.

Roseane Daminelli Gomes*

A gente já sabia, quem não sabia era você!

Nossa turma tinha uma educadora de apoio, Maria das Flores, era cuidadora de uma criança portadora de múltiplas deficiências. Por motivos de saúde ela não pode continuar conosco e ao se despedir presenteou a Turma do Peixe com um boneco ecológico.

Junto com ele vinham algumas orientações de cuidado: mergulhar na água, colocar num lugar iluminado, molhar todos os dias ou quando estiver seco. Como o boneco tinha um laço na cabeça, as crianças disseram que era uma menina e escolheram o nome de Belinha.

Escolhemos o local ideal para deixar a Belinha, o sol a iluminava todos os dias. Molhávamos com carinho esperando que seu cabelo crescesse logo. Um dia, ao retornarmos do final de semana vimos que os cabelos de Belinha cresceram muito e, continuamos a cuidar, e os cabelos de Belinha continuavam a crescer... Até que, numa segunda-feira fomos muito surpreendidos: apareceram pequenas raízes no rosto de Belinha, as crianças olharam e disseram:

- "É barba!"

- "Então não é mulher, é homem!"

- "Não pode ser homem; tem laço no cabelo."

Outra criança diz:

* Especialista em Psicologia Escolar e da Aprendizagem, Psicóloga e Professora Efetiva de Educação Infantil da Secretaria Municipal de Educação de Campinas, SP.

- "Então é gay!"

- "Gay, o que é gay"? Eu pergunto.

- "Gay é quando homem namora homem."

- "É quando usa coisas de mulher."

Quando a conversa já tinha se esgotado, percebi que poderia dar continuidade à aula e disse:

- "Bom, agora que a gente já sabe o que é gay..."

Amora, 5 anos, na sua sabedoria infantil me interrompe e diz:

- "A gente não, você! A gente já sabia, quem não sabia era você!"

O Relógio do Ben 10

Tarde de calor na periferia do Rio de Janeiro, cidade São Gonçalo, escola situada no bairro Laranjal, sala mista com duas turmas: crianças de 3 e de 4 anos, uma professora. Chego à sala, todos estão sentados brincando com os blocos lógicos. Observo que apenas dois ou três preferiram um brinquedo. Então, cumprimento:

– Boa tarde, gentee!!!!

– Tiaaaa Ruttyêeeee!!!!

E arrastando as cadeiras todas vêm de uma só vez me abraçar.

– Tá bom! Todos podem se sentar que vou separar o nosso material!

E então recebo a pergunta/proposta feita pelo pequeno de 3 anos:

– Tia Ruttyê, você conserta o meu relógio do Ben 10?

Observo o objeto que, por algum acidente, provavelmente durante a brincadeira, se desfez em 5 pedaços. Respondo:

– Pode ser na hora da merenda? Porque agora vamos fazer nossa atividade, ok?

É claro que ele não ficou muito convencido, e, assim que percebo, o tal relógio está sobre a mesa com todas as devidas peças para encaixar. Pareciam, naquele momento,

* Formada em Pedagogia pela UERJ, Campus Faculdade de Formação de Professores em São Gonçalo - RJ. Atualmente, é orientanda no programa de Mestrado em Educação na mesma Faculdade. Membro do Grupo de Pesquisa Alfabetização, Memória e Formação de Professores (ALMEF). E-mail: ruttye@gmail.com

peças demais para um único objeto. Fiquei em dúvida se daria certo o tal conserto. Fizemos a rodinha, começamos nosso diálogo sobre o assunto do dia, todos se encaminharam para as mesinhas e, novamente, escuto:

– Tiaa! Você vai consertar o meu relógio, né?

– Não sei se vou conseguir! A tia vai TENTAR na hora da merenda, ok?

Silêncio. Não apenas dele, mas de toda turma, que acompanhava o desfecho.

Toca o sinal: 15h. Hora da merenda. Todos pegam seus lanches, inclusive eu e começamos a lanchar...
Novamente:

– Tia! É agora, né? Conserta o meu relógio, vai!

– Fulano, pode ser deeeepoiissss que a tia lanchar? Se eu não conseguir, você leva para a sua mamãe dar uma olhada, tá bom?

Então, vem outra preciosidade, toma partido da situação e diz:

– É isso mesmo! Pede pra sua mãe! Tá pensando que a MINHA tia é a sua mãe? Tá pensando?

Começo a dar risada.

Na tentativa de completar, digo:

– É isso! Olha, não sou a mamãe, sou sua professora!

O outro, o companheiro de mesa, logo dá uma risadinha e diz:

– Não é não!

– Hã? Não sou a professora?

Começou uma divisão de pensamentos...

– É sim!

– É não!

– É sim, a tia Rutyê é nossa professora!

– Não é não! Né, amigo?

– É sim...

Risos.

Na tentativa de esclarecer, digo:

– Certo. Então, vou perguntar para vocês: Eu sou a mamãe de vocês?

– Nãaaaaooooo!!!! - Todos respondem sem dúvida alguma.

– Então, gente! Eu sou a professora!

– Nãaaaaooooooo!!! Siiiiimmmmmmm!!!!

– Ah! Tá bom! Então, vamos fazer o seguinte, quando vocês chegarem em casa, perguntem para a mamãe, combinado?

Terminou o “inquérito” da merenda. E a criança, a do relógio, volta e diz:

– Tiaaaa...

– Tá, tá, tá, meu anjo! Já vou lá, olhar o seu relógio!

Momentos depois, para minha surpresa, relógio consertado.

Ao final do dia, me pego rindo sozinha do dia vivido.

Compreendendo a riqueza dos diversos assuntos que poderiam ser discutidos, pensava que deveria logo registrar no meu caderno de campo. Não me ocorria pensar em Paulo Freire e em seu livro “Professora sim! Tia não”, pois, no caso vivido, a pergunta seria: Por que as crianças confundem as professoras da infância com a figura materna? E mais, com total poder de consertar relógios, machucados... não, naquele momento, o que perpetuava era a criança insistente com o seu problema: o relógio quebrado.

Moral da história: Água mole em pedra nada dura, fura fácil, fácil!

Eu sou professora da infância.

“Não tá conseguindo ler, tio?? É sério???”

Lembro-me, como hoje, daquela manhã quando vivenciei uma gostosa roda de história com a turma de 2º ano do ensino fundamental com a qual eu trabalhava, ainda no Colégio de Aplicação do Instituto Superior de Educação do Rio de Janeiro, na zona norte da cidade. Como era de costume, sentamos todos, professor e crianças, no chão, em roda, para compartilhar uma história. Naquele dia, eu levava o livro: *As mil e uma noites*. Comecei contando a história da princesa *Sherazade* que casara com um rei magoado e que, por isso, estava em perigo. Falei de sua esperteza e de como gostava de contar histórias e isso a vinha salvando noite após noite. Falei, então, que íamos ouvir uma das histórias de *Sherazade: Alibabá e os 40 ladrões*. Em vez de contá-la, coloquei um CD para a turma ouvi-la através de outro suporte. As crianças adoraram! Um silêncio pétreo tomou conta da sala. Todos prestavam atenção!

Quando a história estava em seu clímax, com o irmão de Alibabá preso na caverna e os ladrões do lado de fora, com expressão curiosa das crianças, parei a história. A princípio, foi um descontentamento total. Todavia, propus que cada um escrevesse e desenhasse o que acreditava que fosse acontecer. Depois,

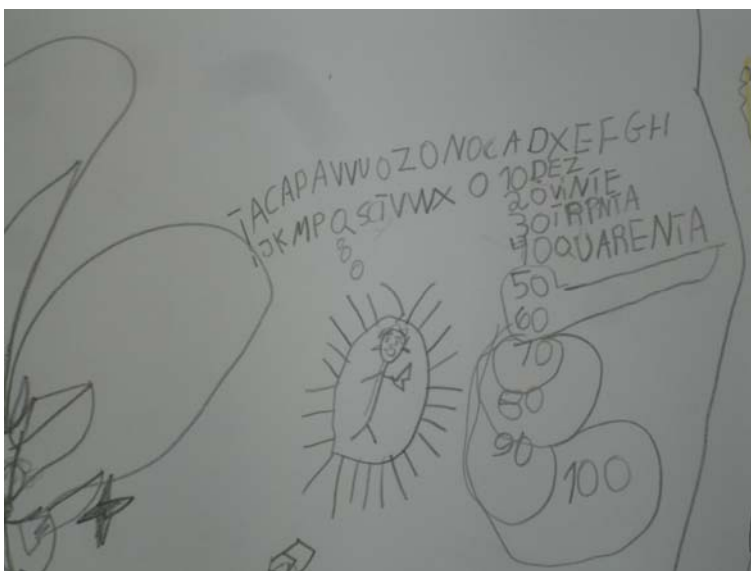
* Integrante da *Rede de Formação Docente: Narrativas e Experiências* (Rede Formad). Professor do Colégio de Aplicação do Instituto Nacional de Educação de Surdos. Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Educação da UNIRIO. trsunirio@gmail.com

compartilhariamos os finais na roda e, então, ouviríamos o final do CD. Diante da proposta, os protestos foram desaparecendo e um clima de euforia tomou conta da sala: todos queriam “adivinhar” qual seria o final do CD!

João Guilherme, um menino que já escrevia alfabeticamente, muito concentrado, sentou-se à mesa e pôs-se a trabalhar. Com um sorriso no rosto, cheio de si, dizia:

- Você vai ver, tio, eu sou um escritor de verdade!

Ao terminar, tinha a seguinte produção:



À medida que as crianças trabalhavam, eu caminhava pela sala, observando e perguntando quem precisava de ajuda, pois um dos princípios perseguidos por mim, com as crianças, é o de que a ajuda amplia as possibilidades de saber, atua em seus conhecimentos prospectivos, de maneira que, conforme nos ensinou Vygotsky (1994),

hoje, através da ajuda, podemos fazer o que amanhã seremos capazes de fazer sozinhos.

Todavia, ao chegar perto de João Guilherme, levei um grande susto: como era possível que uma criança que já escrevia alfabeticamente tivesse “regredido” na escrita? Seria possível que João tivesse se esquecido do que aprendeu? Aprendera realmente? Por que esse monte de letras sem sentido? Foram muitas as hipóteses que passaram pela minha cabeça! Por muito pouco não tirei minhas próprias conclusões e criei minhas próprias explicações, tão forte é em mim, ainda, a formação cartesiana calcada na lógica explicativa e adultocêntrica. Mas, por outro lado, ecoava o aprendido ao longo de minha formação, com meus pares e com as próprias crianças: como “diagnosticar” o menino sem sequer ouvi-lo? Como saber o que pensou uma criança sem escutá-la? Por que não perguntar a ela o que tem a dizer?

Aliás, que concepção temos de infância quando somos nós, adultos, os que temos a palavra correta e final sobre as crianças? Quando somos nós, apenas nós, quem pode compreender o porquê de suas ações, estigmatizá-las?

Era justamente desse lugar que tentei escapar. Por isso, dirigi-me a João Guilherme:

- João, você pode ler para mim o que você escreveu? Do jeito como está escrito, eu não consigo ler sozinho...

O menino, sentado ainda na cadeira, olhou com uma indescritível cara de espanto para mim. Com os olhos arregalados, perguntou com um tom alto de voz:

- Não tá conseguindo ler, tio?!?!?! É sério?!?!?!

A contra-palavra do menino me desconsertou por inteiro. O que estava tão óbvio que eu não conseguia perceber naquela produção? No entanto, percebendo meu

desconcerto, o próprio João Guilherme foi ao meu socorro:

- *Está escrito TACAPAVVVOZONOCADX...* – leu letra por letra e completou, com tom de triunfo: - *É a fala do irmão do Alibabá, tio, quando ele ficou preso na caverna! Ele tava tão nervoso que nem conseguia lembrar da palavra mágica!!!*

Fiquei boquiaberto!!! A solução encontrada por João, para resolver o problema das palavras mágicas mencionadas na história, estava perfeita! Mas, de que maneira essa mesma produção seria compreendida se eu não houvesse me desafiado a compreendê-lo como sujeito de conhecimento e realizado o exercício de escutá-lo no que ele tinha a dizer? Podemos antever a lógica da criança senão na relação com ela? Há apenas uma lógica infantil? Podemos nos aproximar do compreender infantil sem uma aproximação real e aberta em relação à criança?

Parece-me que o olhar adultocêntrico, ensinante, o qual quer dizer o que é, explicar como funciona, controlar por meio da conceituação a infância tem nos afastado de enxergar a riqueza com que ela se inscreve no mundo. Ao pensar a infância e as crianças a partir de nossas lógicas, empobrecemos a pluralidade de lógicas com as quais elas desdobram o mundo em muitos possíveis e fraturam a lógica unívoca com a qual fomos (en)formados. Mas, se estivermos dispostos a aprender com elas, as crianças podem nos interrogar pela sua potência, pela sua fugacidade. Afinal, são as crianças, com suas perguntas, *excedentes de visão* (BAKHTIN, 2003) que podem nos ajudar a compreender-nos, estranhar-nos e seguir transformando-nos, no encontro com elas.

撒潑誰不洗他的腳

Começo de março, véspera do conselho de classe do início do ano, quase final do dia, recebo um aviso de que as professoras dos primeiros anos haviam esquecido de colocar uma proposta de produção de texto na avaliação inicial. Por isso, deveríamos pedir às crianças que reescrevessem a música do sapo que não lavava o pé. Eu, que entendo que podemos avaliar o ensino e a aprendizagem, principalmente no primeiro ano, de diversas maneiras que não aquela prova temida por todos, já fiquei mais descontente com o comunicado. Mas, como teríamos que ter esse material para a discussão durante o conselho, fui em frente.

Seria a primeira reescrita da Turma dos Heróis. Cantamos, cantamos e depois falei que deveriam escrever a música, do jeito deles, porém da melhor maneira que pudessem fazer. Como eu previa, não foi nenhuma proposta aclamada por todos, a maioria deve ter escrito o primeiro verso do jeito deles e nada mais, afinal, bem desconectado aquele pedido no final do dia.

À medida que iam terminando, as crianças se levantavam todas apressadas com o intuito de chegar a mim e logo entregar a reescrita, mas Li não. Li continuava

* Vanessa França Simas é professora dos primeiros anos do Ensino Fundamental da rede pública de Paulínia, licenciada em Pedagogia pela Faculdade de Educação da UNICAMP, doutoranda e pesquisadora do GEPEC – FE – UNICAMP.

compenetrada na empreitada de registrar a música. Vou até ela, pergunto se terminou, ela olha para mim negando, olho para sua folha e não há letras, números, garatujas... Há sim, nada mais nada menos, que a escrita de uma partitura. Ela e sua partitura me lembram: palavras podem sempre melodiar em folhas.

Passadas algumas semanas do conselho, peço que façam uma lista do que precisa um herói. Cada um com a sua lista, vou fazendo com que desafiem suas hipóteses em relação à língua escrita, e eles próprios colocam suas hipóteses em choque, quando partilham com os colegas. Tudo dentro do esperado, até que Gu me questiona:

- Eu não sei escrever, posso escrever com símbolos chineses?

- Claro que sabe, Gu, é para escrever do seu jeito, por que quer escrever com símbolos chineses?

- Porque eu sei chinês.

- Mas eu não vou entender, Gu.

- Eu te ensino, prô.

E assim a Turma dos Heróis vai me ensinando muitas e muitas linguagens que passeiam por toda essa infância exalada na sala dezesseis.

Cordel: Alfabetização Diaspórica

Agora estamos todos aqui
Para contar outra história
Que aponte novas versões
Das nossas lutas e vitórias.

Bem, vocês me perguntam
Que nova história é essa?
Quais novidades se faz?
Ainda que seja às avessas.

Caso você não saiba ainda
Que desde o ano de 2003
Uma segunda lei áurea
Fez-se no Brasil outra vez.

Da lei (10639/03) que falo agora
Com sentimento de luta
Irá contar a história do negro
No Brasil com suas labutas.

Espero agora sinceramente
Que esta lei assinada
Produza mudanças na vida
Das pessoas a elas destinadas.

* Wilson Queiroz, professor de Matemática - Secretaria Municipal de Educação de Campinas - Mestre em Educação Gepec - UNICAMP - Ensino de História e Cultura Africana e Afro Brasileira, cordelista. wilsonq10639@gmail.com

Foram 120 anos de espera
Por uma nova abolição
Que garanta de verdade
Aos negros o direito de cidadão.

Gostaria no fundo do peito
Que este novo momento
Faça da dignidade dos negros
Bandeira de luta e movimento.

Hoje estamos no aguardo
De todas as possíveis mudanças
Que trago agora no peito
Com a juventude e esperança.

Igualdade na diferença
Respeitando as etnias
Cada grupo de brasileiros
Exercendo a plena cidadania.

Já que somos irmãos
E raça biológica não existe
E preciso perguntar então
Por que a desigualdade persiste?

Kabenguele Munanga professor
Uma referência teórica
Para compreender esta questão
Chamada alfabetização diaspórica.

Lutar pela nossa diferença
Quando a igualdade nos anula
Lições aprendidas com as leituras
Do outro teórico o Boaventura.

Melhorar de maneira efetiva
A realidade dos brasileiros
De forma a sermos uma nação
Que de fato acabou com cativeiro.

Não é mais possível negar
Que a favela é a nova senzala
Modelo de uma elite perversa
Que a história já desmascarara.

O que iremos fazer?
Que agora é obrigação
Garantir direitos a todos
Para construir a nação.

Pensada desde muito tempo
Uma sociedade fraterna
Que abrigou no quilombo
Todos os filhos da terra materna.

Queremos mais que discursos
E agora é preciso ação
Para lidar com o racismo
E qualquer forma de discriminação.

Resta assumirmos juntos
O trabalho profundo e intenso
São quinhentos anos de lutas
Em prol do desenvolvimento.

Será preciso muito diálogo
E muito mais atenção
Para acabar com o racismo
E toda a forma de discriminação.

Temos muito a aprender
E tantos diálogos a travar
Na busca de uma sociedade
Que na África há de buscar.

Unindo valores daqui
Que outrora nascera por lá
Que durante muitos séculos
A intenção era sempre negar.

Venho de longos anos
Que nada se podia dizer
E que por isso fizeram
O racismo se estabelecer.

Wolof é um idioma africano
Que agora também nos ensina
A embalar novos sonhos
De tantos que nos estima.

Xavantes um povo indígena
Um dentre muitos que havia
Agora fazem parte desta luta
Também pelo direito a cidadania.

Ya Ya - assim poderia ser escrita
Através de uma licença poética
Olhar diferente é mais que necessário
E assim perceber da África a sua estética.

Zulus, um dos povos africanos
Que também por aqui aportaram
Trabalharam escravizados neste país
Que com o paraíso já compararam.

POSFÁCIO

Demora, mas a ficha cai.

Adriana Carvalho Koyama*

Esse título veio de uma outra pipoca, que falava de como é surpreendente que a ficha de telefone não exista mais, mas a expressão "cair a ficha" ainda esteja nas nossas falas de todo dia.

Demora, mas a ficha cai. Talvez as pipocas tenham esse tempo de intervalo entre o que nos acontece e a nossa apreensão *outra* de seus sentidos, que, nas imagens do acontecido de repente, nos deslocam daquela abordagem já formatada nas rotinas que a escola constrói. Abordagem às vezes quase engessada pelos já sabidos, já planejados, já compreendidos do cotidiano.

A pipoca nasce como um ruído nessa rotina. O ruído que vira pipoca esconde seus significados até que *de repente*, cai a ficha. Uma pergunta que não sabíamos que existia, e que nos movia, um sentimento que não sabíamos que estava lá, e, talvez, que incomodava, uma dor de não ter resposta para uma repentina novidade que o aluno trouxe, com as suas mãos cheias, cheias de sentidos. De sensibilidades. De sentimentos. De significados.

A escola é um lugar em que se cruzam experiências de longa duração, rotinas de muitas temporalidades, tensões

* Doutora em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. Pesquisadora do GEPEC- Grupo de Estudos e Pesquisas em Educação Continuada.

de todas as sortes, de todas as forças sociais. Um lugar de memórias e de produção cultural especialmente significativas. Um lugar em que, ouvindo as vozes dos alunos, com seu pipocar incessante, deslocamo-nos das nossas rotinas, dos nossos já sabidos, para respirar o ar fresco da experiência que se cria junto.

Nessa experiência única, transformadora, que é a pipoca, com seu estranhamento, somos convidados a participar da recriação do mundo que cada nova geração propõe, tecida com as imagens que lhes trazemos, ressignificadas. Dela não escapam nem mesmo as tecnologias, que por suas mãos se imiscuem aos sonhos e alegorias do mundo simbólico. E assim a professora pode ser robô, e o menino pode ratair.

Nessas narrativas que lemos aqui imbricam-se "figuras diversas, espaços diversos e tempos diferentes, numa lógica temporal, nada linear, não etapista, não progressista, que vai do presente ao passado, e do passado ao presente."* Nesse mar de histórias que se contam e nos tocam, entrevemos lembranças que vibram entre a experiência singular e as memórias compartilhadas, experiências de todos nós professores, de todos nós alunos.

E depois de ler esses relatos e de ouvir que "a gente já sabia, quem não sabia era você, professora", é um alívio poder dizer, com a Fernanda: *nunca pensei que a minha ignorância tivesse tanto valor!*

* GALZERANI, M. C. B. Imagens entrecruzadas de infância e de produção de conhecimento histórico em Walter Benjamin. In: FARIA, Ana Lúcia Goulart et al. (Org.). Por uma cultura da infância: metodologias de pesquisa com crianças. Campinas: Autores Associados, 2002. p. 49-68.

De nossos saberes e de nossos não saberes, de nossas incompletudes e desejos, de mosaicos, fantasmagorias e alegorias se fazem as pipocas e a escola.

Pipoca é TACAPAVVVOZONOCADX, entendeu?

QUER ESCREVER SUA PIPOCA AQUI?

FAÇA SUAS ANOTAÇÕES AQUI